

Oferta
-O. NOV. 1993



NÊSTE NÚMERO:



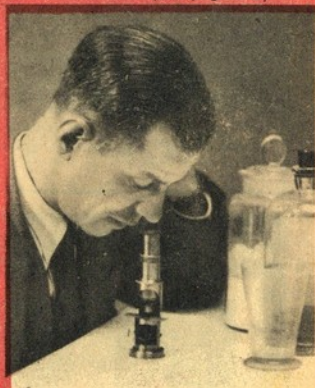
Não foi só a acção mas também a palavra de De Gaulle que levou os chefes dos países aliados ao reconhecimento do seu Governo.

(Ver um largo comentário nas páginas 6 e 7)



Sacha Guitry está preso. Acusam-no de colaboracionista. Será verdade?

(Ler página 5)



O sr. Carlos Pinheiro, inventor da «Pinta Preta», nos seus trabalhos de investigação.

(Ver página 16)

**VIDA
MUNDIAL**

ANO IV—N.º 182

9 DE NOVEMBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

MANUEL LERENO EM SÃO CARLOS!...

(Ver entrevista na pág. 5)

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

O carcereiro da cidade

O homem sempre se ufanou da liberdade. Tem, por alto preço, os anseios libertadores; orgulha-se de poder sacudir os ombros e respirar fundo e de, com o subconsciente, travar luta acésa de idéias já que exteriorizá-los nem o código nem a sociedade lhe dão mercê. Afinal, não há no mundo animal mais prisioneiro do que o homem. É ele que, por gestos e indecisões, traça grades ao destino — é ele que se acorrenta ao fatalismo das gerações. Para ser livre precisa dum polícia; para pensar necessita de livros; para ser «dandy» encrava o alfaite; para ser inteligente exhibe um diploma. Onde está, pois, a liberdade a plena liberdade do homem? Nas grandes cidades do mundo, desde a ruidosa e frenética Nova-York à turbulenta e irrequieta Constantinopla, a liberdade do homem está condicionada entre o cacete dum respeitável polícia e a multa dum fiscal camarário.

Quem cospe, paga; quem deita papéis fora, paga; quem se intromete com senhoras, idem; quem se embriaga, aspas; e, no fim, para certos casos, ainda se malha com os ossos na prisão.

Tudo isto, porém, tem a sua explicação. O que é o polícia? Fruto da liberdade do homem. Se não houvesse o polícia, para certos homens, não havia liberdade. Ele não se fez para prender, para encher as enxovias ou castigar abusos — pelo contrário: fez-se para dar ao homem a noção de que é livre e senhor das suas vontades.

Por exemplo: aqui, ao pé da minha porta, o Pátio do Cardume, nunca, desde a implantação da República, foi visitado por um polícia. E porque?

Porque nenhuma vizinha, quando leva uma «tosa», se põe a comprometer o marido, na ampla liberdade que ele tem de «managers» familiar, gritando só da guarda!; porque todos, felizmente, sabem que a obrigação que há de se embebedarem três vezes por semana implica diplomacia, lisura, e um homem de respeito quere-se em casa e não na rua aos tombos; de modo que o vinho bebe-se no meio dos filhos, para seguirem o exemplo; nunca ninguém disse obscenidades em voz alta — porque basta falar à meia voz para que toda a vizinhança oiça; e assim, com tão bom viver, nunca o polícia teve de intervir para reprimir fôsse o que fôsse.

Até a garotada, tão esperta, nunca joga a bola quando vê o guarda pelas imediações. Mal ele volta costas, pronto... é o Portugal-Espanha, com onze de cada lado. Daqui se deduz claramente que toda a gente pode gozar de liberdade, mesmo quando há entraves.

A lei, vejamos, pune com 15 escudos o cidadão que armar a via pública em escarrador. Ora, evidentemente, que se o leitor cuspir nas botas dum polícia, quando ele estiver com muita atenção a olhar para si, já sabe que paga a multa (o mesmo não poderá fazer o leitor se vir o polícia a cuspir). Mas, pergunta-se: O leitor, que é honrado, já assaltou algum pomar quando o guarda, de carabina aperrada, anda fiscalizando? Não; e não porque a honradez lhe diz que é pouco atinado roubar-se alguma coisa a alguém quando o dono está presente...

Ora, nesse caso, o cuspo... A saliva pertence à Câmara como, aliás, pertencem os ossos, os líxos, as sargetas das ruas. Pertence à Câmara, entenda-se, desde que caia no chão; se for para o ar, para o lenço, para o casaco dum transeunte, então riscou... a Câmara não tem nada com isso... É por isso que a cidade tem de ser policiada — mais que os bécos e as travessas. Cada cidadão devia ser um polícia de si próprio. Devia reconhecer que a cidade é uma casa, uma casa sua, que deve estar sempre limpa e bonita para receber.

Devíamos ter orgulho de a mostrar — e não tratá-la como uma coisa absolutamente fria, que não tem alma. Não, a cidade tem alma. Rasgá-lhe o ventre e metem-lhe caboucos; erguem prédios das suas entranhas e, quantas vezes, ela tem agasalhado no morno do seu seio ferido os corpos daqueles que tombam sem ter cama.

MANUEL MARTINHO



O cônsul geral do Equador em Portugal, D. Fernando Chaves, está em Lisboa há três meses. Homem culto, pensador e artista, esteve em França representando o seu país com raro brilho. No Equador foi jornalista dos mais categorizados e professor de filosofia na Universidade. O seu nome é portuguêsíssimo, e embora as florescentes repúblicas sul-americanas venham do sangue espanhol, as correntes de emigração para o Perú, a Bolívia, o Uruguai, o México, Colombia e Venezuela — e Equador — são de todos os países europeus, desde a Itália, França, Alemanha, como a Rússia e a Inglaterra — e até Portugal.

A impressão que colhi de Lisboa nestes escassos meses — começa por nos dizer — é, de facto, interessante. Notel logo que a cidade, ruidosa e alegre tinha toda a sua vitalidade naquele largo perímetro que val dos Restauradores ao Terreiro do Paço. É aí, na realidade, que a capital se mostra dinâmica e ruidosa como centro cosmopolita de cidade europeia. Tem febre o seu movimento, as suas ruas nervosas de acotovelamentos, de buzinas, de pregões. Porém, como artista, notel que está apertada, asfixiada entre antigas muralhas que hoje se não vêem...

— E a sua gente? — Encanta. Não são expansivos e alegres como os espanhóis, mas conservam qualquer coisa de muito seu que lhes fica bem...

D. Fernando Chaves fala depois do Equador. A literatura, que não chega a ter quatro séculos, as artes, a pedagogia e a imprensa. Quito, que é a capital, tem duas Universidades — e a população do país anda à volta de três milhões. Presentemente, luta-se para acabar com o analfabetismo, um mal que é de muitos povos. As escolas são cuidadosamente instaladas depois duma vistoria do

ESTA CIDADE... Vista por D. FERNANDO CHAVES, diplomata e jornalista equatoriano

inspector pedagógico e da visita sanitária. Há jardins de infância por todos os lados.

E continua:

— Temos, na literatura, uma moderna corrente de prosadores, novelistas, que debatem os problemas sociais e os caracteres róticos e dramas da vida dos índios.

— E jornais?

— Na capital há três da manhã, saindo diariamente com doze páginas. De tarde publica-se um, «Últimas Notícias», que tira à volta de 30.000 exemplares. Não temos censura à Imprensa, e a primeira ou a terceira página são as mais importantes do jornal. Nelas se insere o editorial, comentários à política do país, crónica de sabor literário. Nas outras páginas vem o noticiário estrangeiro e local e publicidade.

— O jornalista é bem remunerado? — Acidentalmente... porque todos têm as suas ocupações.

— Qual o jornal onde trabalhava?

— «O Dia». Gostei sempre de escrever — e aprecio imenso a profissão. No porto principal do país, Guayaquil, há também três diários, «O Telégrafo», «O Universo» e a «Prensa», este da tarde.

— E a vida cultural no Equador?

— Temos, como disse, duas Universidades e escolas superiores. A escola primária está hoje sendo regida pelos mais modernos métodos de pedagogia. Os governantes dedicam o maior carinho a esse ensino. Ele, na verdade, deve ser a base. Não se improvisam escolas pela vontade do particular. Tudo ali é maduramente pensado — e obedece aos mais rígidos princípios. Da cultura e da influência europeia tiramos grandes lições. É preciso não esquecer que a América do Sul vai mostrando hoje ao mundo a força da sua personalidade. E, quanto a mim, os povos só podem impor o direito e a justiça, como caracteres dos seus vínculos eternos quando se reconhece a personalidade do seu povo. É isso que o Equador faz. Quere mostrar-se com personalidade, por isso trabalha.

E estas foram as últimas palavras de D. Fernando Chaves, na sua entrevista para «Vida Mundial Ilustrada».

UMA REPORTAGEM POR SEMANA

AS PARAGENS ZONAS

O lisboeta fez das placas, que servem de zonas aos eléctricos, campo de intenso combate amoroso. Qualquer dia paga-se — e justamente — uma sobretaxa. Das seis da tarde às oito, concentra-se o grande exército das costureiras, dactilógrafas, modistas e caixeiras — e logo as linhas avançadas dos desocupados tomam as barricadas e, daí, com heróica persistência, lançam o ardente fogo de baragem das olhadelas. Há algumas que sucumbem e hasteiam logo o lenço branco de paz — outras resistem, como se estivessem resguardadas pela linha «Magnet»... da indiferença. Qual é a tática?

Conquistar terreno, ocupando espaço vital no coração inocente duma caixeira, que à viva força terá de ser anexada. Da barraca, o expedidor, com o apito... dá a saída dos eléctricos. «Entra a chapa 18 — Santo Amaro, Pampulha...» Que quere dizer isto? São formas de batalha. Há exércitos que se deslocam para ali — e há outros que ficam porque o seu campo de manobras é mais distante.

A paragem zona está animadíssima. Raparigas a rir, com as lancheiras, contam ainda qualquer peripécia daquele dia de trabalho; mais além, senhores graves lêem, pausados e solenes, os jornais da tarde, com o ar taciturno de quem sofre com todos aqueles telegramas; e, mais animados ainda, os rapazinhos elegantes vão sendo autênticos torpedamentos a armadas invencíveis. O agulheiro, de ganga, triste e com cara de quem deseja largar o ferro para se deitar, coça, com toda a elegância, a orelha; miúdos com os últimos diários, apregoam; e, no meio de tudo isto, um sussurro diabólico, de feira ou motim. Quando o carro chega é uma balbúrdia. Tudo delicadamente se pisa, empurra — e cha-

ma pelos conhecidos. Os amorosos vigiam as suas presas. Se elas se metem nos apertos, nem que fiquem pendurados, mas têm que ir...

Hoje, fomos até uma paragem-zona, para fazer a nossa reportagem. E vimos, então, dois tipos da província, com doze cabazes e uma manta. Têm botas cardadas e desejam à viva força meter-se no eléctrico. Claro que para eles, com aquele carrêgo, só um eléctrico reservadíssimo, dos atrelados. Há gente que se ri — mas eles nem dão por isso. Até que o expedidor, com o lápis atrás da orelha, lhes diz:

— É impossível ir de eléctrico! Para onde querem ir?

— Para a pensão de Alcobça, na Rua dos Sapateiros!

— Então não é preciso o carro. É já ali...

E lá se retiraram satisfeitos. Um sujeito gordo discute acalorado com outro, por esta vergonha dos carros. O outro, pessoa pacata, está vexadíssimo. Encostado à barraca, um par amoroso fala por beliscos — e uma senhora aflita vem dizer ao sr. expedidor que deixou no carro uma sombrinha e duzentas gramas de manteiga que lhe arranjaram por favor. O homem toma nota. Lá no fim da placa, no maior ajuntamento, houve borborinho. Apenas isto: por distração, um cavalheiro meteu a mão no bolso dum distraído — e levava-lhe a carteira. Há correrias mas a carteira não apareceu porque o cavalheiro já a passara a outro. Vai tudo, num arraial de insultos, para a esquadra. Mas, na linha, com o olho luzente, o carro assoma. E toda aquela multidão, esquecida da carteira, se precipita, cada um a gemer com os encontros, a arranjar um bom lugar, junto da janela. Pisa-se, acotovela-se — e ordeiramente o carro parte para o seu destino. O expedidor continua a apitar...



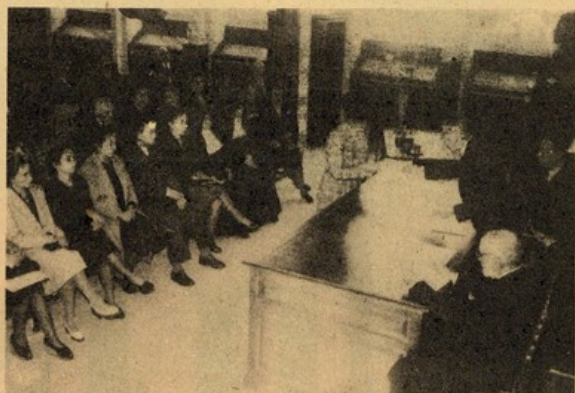
ADEUS RAPAZIADA!...

(Foto JOÃO MARTINS)

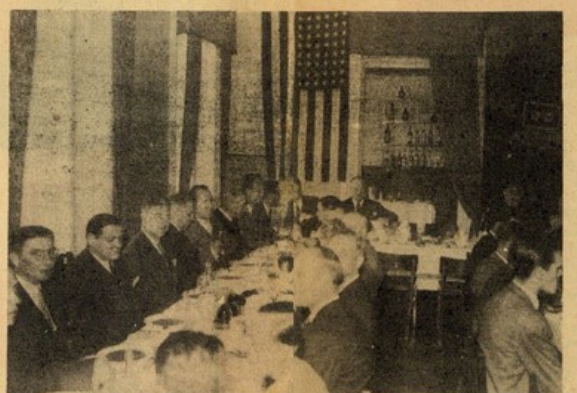
NOTAS RAPIDAS DA SEMANA



O «Dia da Cidade» foi comemorado, este ano, com o brilho de sempre. Os elementos oficiais, na figura máxima do sr. Presidente da República, associaram-se às comemorações da tomada de Lisboa. Na foto, vemos o sr. general Carmona durante a sessão solene na Câmara Municipal.



O Jardim-Escola João de Deus vive na sua acção a grandeza das páginas do lírico poeta e amante das crianças. Há dias, foram entregues por aquele magnífico organismo, dirigido pelo antigo ministro sr. dr. João de Deus Ramos, diplomas aos alunos do curso didáctico pré-primário criado pela direcção daquele Jardim-Escola.



A missão comercial portuguesa que foi à América tomar parte na grande Conferência Internacional, foi homenageada, antes da sua partida, pelo Clube Americano com um almoço a que presidiu o sr. embaixador Norweb. A delegação é presidida, como se notou, pelo sr. Roque da Fonseca.



No gabinete do sr. ministro do Interior, tomaram posse os novos governadores civis de Bragança, Évora, Faro, Leiria, Setúbal, Portalegre, Viana do Castelo e Vila Real, tendo o sr. tenente-coronel Botelho Moniz defidido, magistralmente, o programa dos trabalhos que compete a todos os portugueses chamados nesta hora a colaborar no progresso da nação.



Os srs. ministros da Marinha e das Obras Públicas visitaram, com o sr. sub-secretário de Estado desta última pasta, as instalações da Armada no sul do Tejo, ou seja, as obras da Base Naval, o Arsenal do Alfeite e obras do novo centro agro-naval no Montijo. Desta visita, os ilustres homens públicos receberam as melhores impressões.



Fernando Curado Ribeiro
 tpj para o Rádio Clube Português

FERNANDO Curado Ribeiro começou há poucos dias a sua actuação como colaborador de Rádio Clube Português. Semanalmente, ao domingo de manhã Curado Ribeiro apresentará uma série de programas de cabina sob o título geral de «Conversas Semanais». Brevemente, começarão os programas quinzenais de música directa, dirigidos por Curado Ribeiro — programas que vão apresentar novidades sensacionais e de que brevemente aqui daremos notícia.

Pelos compromissos tomados entre Fernando Curado Ribeiro e a direcção de Rádio Clube Português, esta colaboração — na função de produtor de programas literários e musicais — deve prolongar-se por alguns meses.

Esta iniciativa representa o esforço de Rádio Clube Português — uma estação particular que está marcando a intenção nítida de modificar a sua programação.

«GONGS»

- CRÍTICA
- COMENTÁRIOS
- INFORMAÇÕES

A O microfone da E. N. apareceu, a 25 do mês passado, uma nova voz feminina. Trata-se de Maria Helena Costa Sá, 3.ª classificada no Concurso que apurou Lança Moreira e Joana Campina. Maria Helena foi chamada como estagiária, para substituir Maria de Rezende que, por motivos de saúde, se encontra impossibilitada de voltar ao microfone, pelo menos por enquanto. Maria Helena Costa Sá é uma conhecida desportista; cursa Ciências Biológicas na Politécnica e tem o curso superior de piano.

Francisco Mata, o único produtor radiofónico de categoria que a nossa Rádio possui, está a conseguir um êxito enorme com o seu programa «Sinfonias Bárbaras». Este programa de música ligeira moderna veio ao encontro de grande parte de ouvintes entusiastas deste género de música, de maneira que as cartas, os telegramas e os postais têm chovido sobre a secretária de Francisco Mata...

«Sinfonias Bárbaras» é um programa que se transmite, durante um

— “No Pôrto há estações comerciais, semi-comerciais e de amadores!” —

diz o director da Rádio Lusitana...

A O ambiente radiofónico amador da cidade do Pôrto já aqui fizemos leves comentários. Era, no entanto, preciso concretizar melhor os principais aspectos da Rádio nortenha.

E trazemos, por isso, à nossa página o relato dum amável conversa com o proprietário e director duma estação portuense que, propostadamente, quise-mos destacar: Rádio Clube Lusitânia.

Prestamos homenagem a esta estação emissora do Pôrto, porque pretendemos realçar o seu esforço a bem da Rádio. Estamos convencidos de que Rádio Clube Lusitânia tem excepcionais condições para singrar no seu caminho. E estamos também convencidos de que o depoimento que se segue há-de trazer benefícios à Rádio do Pôrto.

Júlio Nogueira, proprietário e alma de R. C. L., descontente do ambiente radiofónico em que iniciou a sua carreira, acabou por se isolar. Para R. C. L. pretendia prestígio e arte. No entanto — diz-nos Júlio Nogueira — nos domínios radiofónicos portugueses havia muito exploração, negócio e incompetência... Até o sentimentalismo caritativo da população era aproveitado para negócios lucrativos, à sombra de instituições de beneficência...

Júlio Nogueira e o seu R. C. L.

afastaram-se, portanto. E o R. C. L. conseguiu assim a completa emancipação e diferença de conduta que lhe dão hoje o actual prestígio.

— E os seus colaboradores?

— Assim que decidi êsse isolamento, chamei para o meu lado colaboradores como António Gouveia, Eng. Rebelo Bonito, P. Virgílio Pereira, P. Armand Leça, Raúl Lemos, Dr. Rui Luís Gomes, Dr. António Monteiro e outros. Com êles me lancei na Idéia de alargar êste reduto da radiodifusão nortenha...

— E tem conseguido o seu fim?

— Bem vê, estou rodeado dos melhores nomes musicais e literários... R. C. L. tem, pelo menos, progredido bastante...

— Os programas de R. C. L. assentam em que bases?

— A bem da verdade, a maioria dos nossos programas tem um nível bom... Sobre gravações, dir-lhe-ia que temos cerca de 4.000 números adquiridos directamente do mercado estrangeiro. E a música gravada é, como sabe, a grande base da programação radiofónica...

— Programas vivos...

— Poucos... mas bons. Organizei há pouco — desiludido com um núcleo ligeiro que desfiz — uma série de programas de música séria. Passaram pelos nossos estúdios a Orquestra Sinfónica Portuense, Gastão Mineiro, Arnaldina Santos, Conceição Oliveira... E, temos o «Trío Lusitânia», composto por Henrique Bar-



bosa, Luís Antunes e José de Almeida...

— Tem, então, esperanças no futuro de R. C. L.?

— Sim, indiscutivelmente. Sei que mar... Estou certo de que R. C. L. há-de vencer, porque, acima dos interesses mercantis existem, felizmente, outros interesses mais puramente radiofónicos...

— Falou de interesses mercantis...

— Sim... Eu lhe explico... Na Rádio do Pôrto há, pelo menos, três categorias de estações: «Comerciais», «Semi-comerciais» e «Amadoras».

— Era melhor explicar outra vez...

— ...As «comerciais», agora aumentadas com a do Grémio dos Comerciantes de Rádio, são as que nasceram para viver da venda de aparelhos, instalações sonoras, etc., e que, clara ou encobertamente, reclamam... Para vender um aparelho não se importam de «chumbar» o ar com constantes dedicatórias... As «semi-comerciais», exploram outro género: não vendem aparelhos, mas vendem transmissões: o disco X custa 5800... O disco Y, 3850, etc. Fazem também dedicatórias para baptizados, aniversários, etc... Restam as «amadoras», das quais só existem duas, sendo uma delas R. C. L...

— Como vive R. C. L.?

— Da minha boa vontade e do meu dinheiro... No entanto, lancei há pouco a Idéia da União dos Amadores da Radiodifusão, uma organização que pode vir a auxiliar grandemente a estação... U. A. R. admite sócios contribuintes e propõe-se, com êsse dinheiro, valorizar os programas do Lusitânia...

— Quais as principais bases da U. A. R.?

— Criar e manter programas vivos, remunerando-os. É que, com «meninas-pires» e «meninos-prodigios» não é possível fazer boas transmissões, e não é justo que exijamos dos profissionais um agravamento da sua já tão má situação... Além disto, os estatutos desta organização preveem todos os aspectos dos problemas da Arte applicável à Rádio.

— Para terminar, apenas mais uns esclarecimentos: A Rádio centralizada

(Continua na pag. 16)

NOTA DA SEMANA

Um alvitre sôbre a radiodifusão particular

A recepção das estações particulares de Lisboa é praticamente impossível, principalmente à noite. Quem se propõe captar uma emissão das estações centralizadas ouve um forte apito com fundo musical... Perguntando a um técnico competente a razão d'êste ruído, a sua resposta deu-nos elementos para concluir que trabalhando as estações particulares de Lisboa em 1492 Kc. por segundo e as do Pôrto em 1.500 Kc. por segundo, acontece apenas que estas estações — as centralizadoras do Pôrto e de Lisboa — se interferem. Trabalhando, como o fazem, com um intervalo de 8 Kc. por segundo, a recepção nítida torna-se difícil, tanto mais que os receptores de categoria média não separam estações com um intervalo tão pequeno, tendo-se ainda em conta que o Pôrto dista de Lisboa, em linha recta, aproximadamente 250 quilómetros, o que é facilmente abrangido pelos 150 watts de potência das estações centralizadoras. O ideal seria uma separação de 20 Kc. por segundo, fazendo uma mudança de frequência.

Garantem-nos que esta solução é fácil de realizar e que, com duas ou três tentativas, o caso se resolveria.

Confessamos a nossa completa ignorância nestes assuntos técnicos... Mas, se a solução é assim tão fácil e se as condições actuais de recepção das estações particulares do Pôrto e de Lisboa são tão más, não seria conveniente tentar o que acima se disse? Se a solução fôsse acertada, valorizar-se-ia bastante a Radiodifusão particular portuguesa.

Perdê-mos se dissemos muitas tolices de ordem técnica...

Mas a intenção é das melhores...

F. C. R.

período experimental do novo emissor de 50 kilowatts, das 14 às 16,30, todos os dias. Os aplausos e cartas enviadas a Francisco Mata provam também que o público ouvinte tem dispensado boa atenção às experiências do novo emissor.

Rádio Graça tem, a par do seu ar habitual, uma novidade que o público ouvinte tem não reconhecer... Fala-se em Rádio Graça quando se quer dizer um símbolo de «epirismos»...

Achamos, no entanto, injusta tal atitude. Qual é pior, sob o aspecto do «falso bem», do «falso a-vontade»,

da «competência-incompetência»?... Rádio Graça ou qualquer outra, dum certo grupo de congêneres?!

Tirem a Rádio Graça a «pedincha» constante — crime geral na nossa radiodifusão particular — e teremos uma estação particular chela de boa-vontade e, às vezes, dum acerto louvável...

O quadro actual dos locutores oficiais val sofrer modificações... Preparem-se, estimados ouvintes, para tomar contacto com novas vozes... E, preparem-se, também, para procurar antigas vozes em estações longínquas...

Cartas dos ouvintes

Enderêço: Rádio, «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emerda, 69, 2.ª — Lisboa.

ALDA SILVA — Comunica que «tendo escrito a Maria Sidónio pedindo uma foto e perguntando quanto devia mandar de selos, esta artista lhe mandou a foto dois dias depois, dizendo-lhe que nada lhe tinha a enviar e que ela é que agradecia bastante a «gentileza»... Diz ainda A. S.: «Fiquei muito admirada porque todos os outros artistas me têm levado entre três e cinco escudos! Que me diz a foto?»

Não digo nada, minha senhora!... Apenas regista e transcrevo para conhecimento dos interessados.

JOÃO DAVID OLIVEIRA — Obrigado. São ossos do ofício...

«EU OCHO TUDO»... — Não a felicitar por ouvir tudo... Deve ouvir cada uma! — Acho que todas são bons. — Não desgosto... — Dos artistas de Rádio que há mais tempo actuam ao microfone da E. N. e vindos na lista que enviou primeiro, em segundo lugar, Cláudia Meireles e Luís Pizarra... — Só três perguntas por favor.

UMA IDEIA A PONDERAR

Vamos formar o grupo dos Amigos do Teatro?

NUM dos últimos números, publicámos nesta página um artigo que, nos meios teatraes, encontrou o mais franco aplauso.

Teatro puro — art pela arte, sem olhar às exigências do público nem às legítimas necessidades das bilheteiras, é hoje uma fuga do espírito, uma aspiração de quantos amam o teatro e gostariam de ver a arte de representar erguida à excelência dos seus fins e funções.

Há por aí inúmeras boas vontades, belas inteligências que, ao serviço dessa grande causa, desejariam entregar o melhor da sua actividade. Por que não hão-de, então, esses elementos reunir-se à volta da mesma ideia, criar uma força, constituir um movimento de reintegração do teatro na mais pura das suas finalidades: criar arte, fazer cultura?

Foi o advento do dinheiro sem a instrução, a rápida ascensão de classes menos cultas ao legítimo gozo de regalias para as quais, entretanto, não estavam preparadas, que tornou possível a sobreposição de interesses materiais ao sacrifício do melhor do teatro e que era, nem mais nem menos, a sua expressão espiritual e artística.

Dentro desse movimento desintelectualizante, contra o qual as empresas se viram forçadas a lutar, descendo o nível de produção — era preciso dar ao espectáculo condições de compreensão e agrado para um público mediocre, dizia-se... — a qualidade do teatro tinha que descer, tanto naquilo que se referia à representação, como em tudo que se ligasse à produção.

Entretanto, os muitos de bom gosto e bom conhecimento de teatro viam-se forçados a renegar os seus dogmas, a aceitar as condições que as empresas e o público fácil mas alimentador de bilheteiras — pobres dos homens intelectuais! — lhes impunham, sem direito de apêlo ou de protesto.

Onde estão esses homens? Deixaram, na maioria dos casos, de ir ao teatro, porque o teatro passou a ser para eles uma escola de maus gestos e piores palavras...

Entretanto, a chama arde e desperdiça-se no seu peito de gente entusiasta.

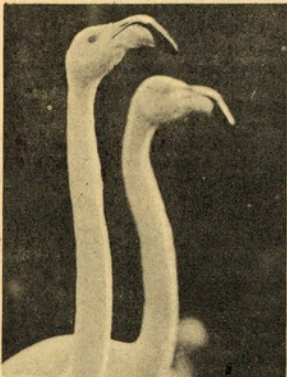
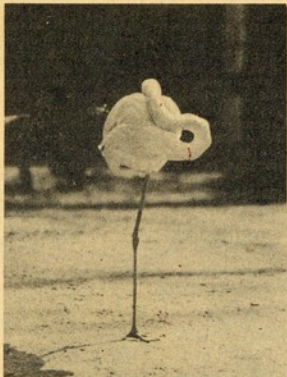
Por que não hão-de, então, reunir-se à volta da ideia que lançámos, criar um Grupo dos Amigos do Teatro, um núcleo de artistas, de escritores e de críticos, a que o público em geral — todos os amigos do bom teatro! — viria juntar-se, com todo o entusiasmo de pertencer ao novo movimento a favor do novo teatro português?

Autores novos ali seriam lidos, discutidos, aprovados ou reprovados, à vista do público, bem longe das mesas censórias encapotadas e ao serviço de simpatias e interesses particulares de empresas, políticas ou amizades pessoais; ali seriam apresentados, para representar e ler, artistas novos, saídos do Conservatório e votados ao esquecimento das empresas; ali seria criado um novo público que, assistindo à crítica viva e objectiva, adquiriria um gosto e um conhecimento capazes de criar plateias de «élites» — ali, enfim, se criaria uma massa enorme de opiniões, suficiente para criar o grande movimento de um teatro moderno sem desprezo, evidentemente, por tudo o que constitue a linha clássica do espectáculo, porque essa, enfim, é eterna.

«Vida Mundial Ilustrada» lançou, há semanas, a ideia da criação do Grupo dos Amigos do Teatro — um grupo onde os próprios empresários poderiam ir procurar peças e actores.

A nossa iniciativa correspondeu um movimento de gente interes-

(Continua na pág. 16)



A BAILARINA E A CEGONHA

A natureza e os elementos que a povoam são um mundo de sugestões para o artista. Vejam só, olhem bem esta cegonha e esta bailarina alemã, de tão belas atitudes paralelas!

Não é verdade que existe uma grande semelhança de pormenores e, principalmente, uma grande atitude psicológica — porque as cegonhas também têm carácter psicológico?...

As 3 pancadas

A Canção Nacional

Quanto a nós, esta revista de António Tórres e Fernando Ferreira cumpre em absoluto o seu papel e a função para que foi criada. Picante sem queimar a boca, engrapada sem fazer dobrar a espinha de tanto criar riso, coordenada com um certo bom propósito de criar unidade, «A Canção Nacional» tem alguns números bem achados e representa trabalho de autores, actores e realizadores. Citemos, por exemplo, o número de Georgina Cordeiro e Amarante, a rábula de Amarante que é o «Enviado de Inglaterra» — claro, este não é cem por cento inédito, como o não é esse outro que se chama «Zé Maria Sebastião», também desempenhado por Amarante — e, ainda, de um modo geral, todos os números em que as «agris» de Piero tiveram interferência saliente, e que são alguns dos melhores momentos desta revista. Piero foi a alma da «Canção», criando fantasia, dinamismo e alegria, num bom esforço coordenado com todos aqueles que deram a sua contribuição para o espectáculo agora apresentado no Apolo.

Veja-se, por exemplo, os números de Maria Sidónio, tão bem postos em cena — e, principalmente, o da achuvas — veja-se esse lindo bailado do «Danúbio Azul», com a contribuição magnífica de Peggy & Humberto e, ainda, Auzenda Monteiro, veja-se, ainda, esta mesma bailarina, tão cheia de grandes qualidades, num bailado folclórico que é dos mais bem vestidos — e veja-se e ouça-se, enfim, esse outro número das tricanas, em que o melhor resulta da interferência do seu talento realizador. Sem dúvida, esta revista tem muitas excessências desnecessárias. Mas, sem dúvida também, os autores e os seus colaboradores não fizeram a operação antes da estreia, precisa-

(Continua na pág. 22)

MANUEL LERENO EM S. CARLOS

O S. Carlos abre hoje as suas portas para apresentar a «História do Soldado», de Strawinsky, um poema em duas partes, lido, tocado e dançado, e que é apresentado pela primeira vez em Portugal pelo Círculo de Cultura Musical.

Manuel Lerenó, um dos mais jovens e positivos valores da cena portuguesa, interpreta o protagonista — o «Soldado».

Fomos, por isso, ouvi-lo, atarefado nos últimos preparativos da sua apresentação.

— O meu papel — diz-nos ele — é difícil, mas cheio de intenção, de expressão e de mimica. Tem poucas falas mas, do ponto de vista histriónico, é um nunca mais acabar de dificuldades. Mas não sou eu só que me vou ver em dificuldades. O actor Augusto de Figueiredo, do Teatro Nacional, encarregou-se do outro papel difícil, que é o de «Diabo», e o leitor será o Eça.

— A encenação...

— Ah! Sim. A encenação será mais um triunfo para Amélia Rey Colaço, que nos ensalou maravilhosamente.

— A parte musical...

— A direcção musical está a cargo do maestro Napoleone Annovazzi e a interpretação coreográfica foi entregue a Francis e Ruth. De Francis digo o que toda a gente sabe: É um grande bailarino em qualquer parte do mundo.

Manuel Lerenó diz-nos, ainda, que o arranjo de cena e a indumentária pertencem a Lucien Donat.

Portanto, já se sabe: hoje, às 21,30, o pano de S. Carlos subirá para mostrar ao público essa extraordinária composição de Strawinsky, «A história do Soldado», que tem no protagonista o actor consciencioso e probo que se chama Manuel Lerenó, artista completo que sabe cantar, dançar e representar.

Quem se negará a acreditar que não vai nascer hoje a maior noite de triunfo de Manuel Lerenó?

SACHA GUITRY acusado de colaboracionista

SACHA Guity, que foi um pequeno rei de Paris, um espírito de múltiplas manifestações de arte — autor de 83 peças de teatro, actor de cinema e do palco, desenhador e caricaturista, belo espírito de «bon enfant», enfim — é acusado de colaboracionista. As revistas francesas do tempo da ocupação bastas vezes falaram dele, fizeram a sua publicidade. Mas, do mesmo modo, não se ocupavam de Jean Cocteau, não publicaram, mesmo, algumas belas fotos da grande Colette?

De qualquer modo, e sob a acusação de ter colaborado com os alemães, Guity foi remetido para o campo de concentração de Drancy, perto de Le Bourget, e onde foi fotografado, como se vê aqui. É acusado de ter almoçado e jantado muitas vezes com Abetz, o embaixador alemão, e com o governador militar de Paris, generol Stulpnagel. Por sua vez, a Col. Britton, estação emissora do 5.º exército na Europa, acusou-o de traidor, a 16 de Janeiro de 1942. Sacha Guity, nas suas declarações, explicou que, de facto, durante o regime de Vichy escreveu três peças — uma que era a glorificação de Pasteur e as outras duas comédias ligeiras.

Sem dúvida, foi o espírito «léger», a tendência para o «deixa correr» e o ódio leve de «bons enfants» que levaram a França à decadência e à capitulação de 1940. Mas não serão os próprios acusados as vítimas dos erros de que mandou e permitiu que os franceses corressesem para o «mais fácil» como imediato bem terreno?

Boa vontade nos julgamentos!





A França confia no chefe que a reconduziu à comunidade das nações livres e ao convívio dos povos. Por isso a França, com a sua confiança, impôs às Nações Unidas o reconhecimento de De Gaulle.

A evolução das relações entre De Gaulle e as nações unidas

As divergências entre as atitudes assumidas pelos Governos britânico, americano e soviético perante o gabinete formado pelos partidários do general De Gaulle eram, principalmente — segundo se pode depreender dos acontecimentos ocorridos desde o colapso da França — suscitadas por circunstâncias momentâneas de carácter histórico. Senão, vejamos:

Quando o grupo político-militar de Vichy resolveu aceitar o armistício que o Reich lhe propôs, os homens que o compunham traíram a Grã-Bretanha, porque, para todos os efeitos, a França era aliada beligerante do Império Britânico. Porém, a Rússia Soviética e os Estados Unidos, que ainda se conservavam neutrais em face da conflagração europeia, mantiveram os seus representantes em Vichy, o que, implicitamente, significou o reconhecimento do Governo de Vichy como legal sucessor da Terceira República.

Em Julho de 1940, o embaixador americano foi chamado ao seu país, mas a embaixada da capital francesa continuou aberta e, cinco meses depois, o sr. Bullitt passava a ocupar o lugar que o almirante Leahy deixara vago. Do outro lado, em Washington, o Presidente Roosevelt aceitava as credenciais do senador Henry-Haye como embaixador do Governo do marechal Pétain. Semelhantemente, o comissariado soviético para os Negócios Es-

trangeiros continuava a manter relações diplomáticas com Vichy e, em Abril de 1941, Moscovo nomeava o sr. Bogomolov encarregado de Negócios em França. Em contrapartida, Vichy enviava para a capital soviética, com igual categoria, o sr. Gaston Bergery.

A ATITUDE BRITÂNICA

O caso da Grã-Bretanha era totalmente diverso, como não podia deixar de ser.

Forçado a continuar sozinho numa luta em que, inicialmente, contava com a França e todo o seu Império, o Governo Britânico achou-se, como era natural, na obrigação de dar todo o apoio possível ao novo movimento dos Franceses Livres, chefiado pelo general De Gaulle, cuja principal, para não dizer única, razão de existência era a rejeição do armistício assinado pelos homens de Vichy e a manutenção simbólica da França na guerra.

Por este motivo, a Grã-Bretanha auxiliou e reconheceu abertamente, em Agosto de 1940, o movimento do general De Gaulle, que assinou um acordo, segundo o qual, em troca de auxílio financeiro e material, o movimento dos Franceses Livres se comprometia a organizar forças militares que «fôssem empregadas contra o inimigo

comum. Estavam abertos os alicerces, onde mais tarde seria edificado o grande edifício do Governo Provisório Francês, cujo presidente seria o ex-chefe do Movimento dos Franceses Livres.

A pouco e pouco, o grupo dos franceses que não queriam reconhecer a derrota da sua Pátria aumentava, desenvolvia-se, criava raízes cada vez mais profundas. Entretanto, a União Soviética e os Estados Unidos tornavam-se, por seu turno, aliados da Grã-Bretanha; mas, curioso é notá-lo desde já, por motivos, nessa altura, incompreensíveis, a acção dos diplomatas não acompanhava a dos militares...

Em fins de 1940, o Chad, a África Equatorial, os Camarões e quasi todas as colónias francesas do Pacífico faziam causa comum com os Franceses Livres. Tal atitude, não só colocava o general De Gaulle na posição de chefe militar duma força voluntária combatente, mas também o transformava na suprema autoridade política de vastos territórios cuja administração lhe era confiada.

Para corresponder à sua nova missão, De Gaulle fundou, em Brazzaville, o Conselho de Defesa Imperial, que ficou encarregado de pôr em execução, em todos os territórios franceses, que não aceitassem a rendição, «os poderes dum governo de guerra», que definisse o direito de exercer os

poderes públicos segundo a legislação francesa em vigor antes do dia 23 de Junho de 1940. E foi, assim, que os Franceses Livres forjaram um linha de continuidade directa com a extinta III República.

A MARCHA DOS ACONTECIMENTOS EM VICHY

Quando, em Setembro de 1941, se criou a Assembleia Nacional, o general De Gaulle proclamou de maneira positiva quais eram os seus poderes governamentais. Além do dever militar de prosseguir na luta, a França Livre — afirmou ele — «improvisara uma autoridade *de facto* que nós representamos como guardiões provisórios do património nacional...»

A natureza provisória destes poderes nunca deixou de ser salientada, tanto mais que o decreto que criava a Comissão Nacional acentuava que todas as decisões deveriam ser, o mais depressa possível, submetidas a rectificação pelos representantes da Nação. Em fins de 1941, a reivindicação do chefe dos franceses livres tornava-se ainda mais clara — formar-se-ia um governo provisório que negasse, em absoluto, a autoridade de Vichy.

Entretanto, a situação internacional modificava-se com igual velocidade.

Uma semana depois do ataque alemão à Rússia, Vichy cortava as relações diplomáticas com Moscovo, baseado na afirmação de que os representantes soviéticos em França estavam «a perturbar a ordem pública e a ameaçar a segurança do Estado». No entanto, os dirigentes de Vichy, ou porque não estavam em condições de declarar a guerra ou porque tal acto não estava dentro das suas conveniências, consentiram apenas no recrutamento de voluntários para a Legião Anti-Bolchevista. Perante estes factos, os informadores oficiais russos principiaram a manifestar-se amigavelmente sempre que se referiam à Comissão Nacional Francesa, sem que, todavia, se compromettessem com qualquer afirmação de reconhecimento diplomático formal.

Por sua vez, os Estados Unidos enviavam, em Outubro de 1941, uma missão à África Livre Francesa e, no mês seguinte, o Governo norte-americano autorizava o envio de mercadorias para os Franceses Livres ao abrigo da Lei de Empréstimo e Arrendamento, se bem que, até ao dia da demissão do general Weygand, estivesse também autorizado o envio intermitente de mercadorias para as regiões africanas administradas por Vichy.

O regresso de Laval ao poder, em Abril de 1942, marcou uma nova fase nas relações entre Washington e Vichy. O almirante Leahy foi chamado ao seu país e, simultaneamente, o Governo dos E. U. estabeleceu um consulado em Brazzaville. E o Departamento do sr. Curdell Hull anunciava, então, que «nas suas relações com as autoridades locais francesas em todos os territórios franceses, os Estados Unidos tinham sido, e continuavam a ser, guiados pela manifesta eficiência com que essas autoridades se comportassem para proteger os territórios à sua guarda contra o domínio e o controlo do inimigo comum.»

Entretanto, os contactos estabelecidos americanos no Norte de África produziam os esperados frutos na preparação dos desembarques de surpresa aliados. E a 8 de Novembro de 1942, soava a hora em que Laval chamava a si a responsabilidade de romper as relações diplomáticas com Washington.

Deste modo, em princípios de 1943, a posição da Comissão Nacional Francesa perante a Grã-Bretanha, Estados

Unidos e Rússia Soviética era bastante complexa. Mas, duma maneira geral, até certo ponto, a situação melhorara consideravelmente. Vichy fôra forçado pelos acontecimentos a romper tanto com Moscovo como com Washington. Portanto, a Comissão Francesa passara a gozar do apoio material da Grã-Bretanha, da simpatia amigável da Rússia e do limitado reconhecimento *de facto*, como entidade administrativa, dos Estados Unidos.

Porém, o que ganhara em forma, parecia ter perdido em substância. Na África do Norte, os acordos Darlan-Clark tinham posto à margem os poderes da Comissão como autoridade responsável pela administração das maiores e mais importantes regiões do Império francês. Esta situação ambígua, aliada ao aparecimento do general Giraud como autoridade executiva no Norte de África, impôs a centralização das duas correntes na Comissão Francesa de Libertação Nacional formada a 3 de Junho de 1943.

A reivindicação desta nova Comissão que queria ser reconhecida por todos como o governo provisório da França foi muito encarecida, visto que, com poderes mais latos do que a Comissão Nacional, tanto sob o aspecto do potencial militar como o da responsabilidade política, se proclamou depositária da soberania francesa e, como tal, credora do completo reconhecimento das Nações Unidas.

A FASE FINAL DA EVOLUÇÃO

A partir desse momento, Moscovo mostrou-se muito mais pronta do que Washington — ainda manietada pelos acordos Darlan-Clark — a reconhecer a Comissão de Argel. E, em Agosto, as três potências unidas deram publicidade às definições formais das respectivas concepções de reconhecimento semi-oficial.

O governo soviético decidiu «reconhecer a Comissão Francesa de Libertação Nacional como representante dos interesses do Estado da República Francesa... e permutar com ela representantes plenipotenciários.» Em Outubro, sem ruído nem pompa, o sr. Bogomolov chegou a Argel, como se

tivesse a missão de salientar a simples transferência do reconhecimento de Vichy para Argel, reconhecimento esse que o governo soviético já se considerava preparado para fazer.

O Departamento do Estado norte-americano, por sua vez, repetiu, virtualmente, a sua fórmula do ano anterior, na qual reconhecia a Comissão «como a administradora dos territórios ultramarinos franceses que reconheciam a sua autoridade», salientando, no entanto, que isto não significava o reconhecimento «dum governo da França ou do Império francês», e que os acontecimentos deviam ser cuidadosamente observados à medida que se suscitassem.

Quanto à declaração britânica limitou-se, tal como a americana, ao reconhecimento *de facto* duma administração activa, mas permaneceu silenciosa no que dizia respeito à questão do estabelecimento do estatuto do governo provisório da França.

Registou-se, então, novo intervalo na situação diplomática. Em Janeiro, o general De Gaulle encontrou-se com o sr. Churchill em Marrakesh e, em alguns sectores, houve a convicção de que chegara o momento em que a Grã-Bretanha iria reconhecer definitiva e oficialmente o gabinete do general exilado. Porém, a única alteração introduzida nas relações entre os dois Impérios foi de carácter comercial e económico.

Em Fevereiro, assinou-se o novo acordo financeiro anglo-francês e um acordo de assistência mútua, que unificava a taxa de intercâmbio do franco francês em todos os territórios libertados e estabelecia a livre troca de todo o auxílio militar que fosse possível prestar por qualquer das partes contratantes. Logo a seguir, as sessões da Assembleia Consultiva de Argel, designada como porta-voz dos movimentos de resistência clandestina, deu à Comissão uma nova espécie de autoridade — o apoio material e moral dos franceses que já combatiam os alemães no interior do continente europeu.

Depois as magníficas provas prestadas pelo exército francês na Tunísia, Sicília, Itália e, mais tarde, na inva-

ção, reconquista e libertação da França, demonstraram cabalmente o espírito de recuperação e a nova unidade dos franceses.

Foi devido a este conjunto de circunstâncias que não causou certamente admiração a ninguém o facto de se ter principiado a anunciar no dia 18 de Outubro a possibilidade do general Eisenhower declarar a maior parte da França «zona do interior». A totalidade desta zona definida revertia, deste modo, completamente, ao controlo e administração francesas sob as leis e regulamentos dos acordos civis em vigor.

Logo a seguir à declaração do supremo comandante aliado, as Nações Unidas anunciaram, simultaneamente, o reconhecimento oficial do Governo do general De Gaulle como sendo o Governo Provisório da França. Entre a declaração e o reconhecimento oficial decorreram alguns dias, mas notou-se, desta vez, que todos os interessados estavam dispostos a perder o menos tempo possível com a resolução do assunto.

O reconhecimento formal do Governo do De Gaulle pelas Nações Unidas pretendeu, até certo ponto, suavizar o crescente azedume e impaciência existentes em França contra a aparente «negligência» com que a Nação francesa estava a ser tratada pelos Aliados.

Todavia, no caso dos franceses, o que interessa mais do que as formalidades do reconhecimento, são os benefícios práticos deste resultantes. O sr. Eden referiu-se recentemente à necessidade premente da França ocupar o seu lugar na Comissão Consultiva Europeia de Londres, para tomar parte nas discussões sobre o tratamento a dar à Alemanha depois da guerra.

Embora tal reivindicação tivesse sido por agora negada, isto significaria o primeiro passo para a inclusão da França no quadro das assembleias das Nações Unidas que terão, no presente e no futuro, de dar solução a todos os problemas que interessam directamente à França, ao seu Governo e ao seu Império.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO



Eisenhower, o chefe americano da invasão da França, ao lado de De Gaulle, na sua visita ao campo de batalha, é outro símbolo da confiança da América.



A rainha de Inglaterra, ao lado de De Gaulle, não simboliza aqui o apriso do seu povo e do seu governo pela França?

A ARTE DAS ARTES

UMA das acusações mais frequentemente dirigidas contra o cinema, pelas que lhe negam o direito de considerar-se Arte autónoma, é a de ser, por assim dizer, como espectáculo, uma síntese de todas as Artes — Arquitectura, Música, Dança, Pintura, Teatro, etc. — e portanto um produto híbrido, como criação artística.

Eve Elie chamou-lhe, com efeito, a Arte das Artes. E outros disseram que um filme era na realidade de técnicas justapostas». Não há dúvida que o cinema realiza, até certo ponto, uma síntese de Artes e Técnicas, não não é menos verdade que nem por isso deixa de ter características próprias, uma individualidade — digamos assim — nitidamente marcada.

O teatro também lança mão da Arquitectura, da Música, da Dança e da Pintura e de outras artes maiores ou menores. E nunca ninguém se lembrou de dizer que o teatro não era uma Arte. O cinema tem uma linguagem própria, uma maneira de ser — e as outras artes só a servem, na medida em que se subordinam às exigências, à forma de expressão, à linguagem das imagens.

O dramaturgo não pode escrever para a tela como se a obra se destinasse ao palco; o actor representará de forma diferente (há excelentes actores de teatro que são péssimos intérpretes cinematográficos — e vice-versa); o conceito de cenografia e de arquitectura difere profundamente nos dois espectáculos; a música tem funções diversas (já houve quem a considerasse a «terceira dimensão» da tela). Marcamos a diferença entre o Teatro e o Cinema, justamente porque tanto um espectáculo como outro utilizam os recursos, as técnicas, as possibilidades de outras Artes indistintivas e que funcionam, afinal, como artes subsidiárias. Se o teatro para realizar-se pode contar com o seu concurso, sem que tal facto seja movido como uma inferioridade ou uma insuficiência — porque motivo se assaca ao cinema essa inter-dependência, com a pretensão de que é contrária à ideia de uma Arte com características próprias?!

A Pintura, a Arquitectura, a Música, todas as Artes, enfim, necessitam, no cinema, de uma «conformação» peculiar. E se quisermos, num exemplo grasse, qualificar como a uma Arte serve a outra, recordemos, no caso da Dança, por exemplo, a admirável sequência da valsa da «Vivier, Alegres», imaginada por Lubitsch, onde o rodopiar dos pares ou a vaga das bailarinas na galeria dos espelhos, tinha um «sentido» que só o cinema lhe pode dar. A sugestão musical e coreográfica fora apenas o motivo inspirador de uma sequência marcadamente cinematográfica. E ninguém, ao vê-la, se lembrou de exclamar: «Mas isto é música! Isto é dança!». Todos à uma disseram: «isto, sim — é cinema!».

E ficaram as palavras, não como uma pedra atirada ao lago, mas como um motivo para que outros meditem na razão ou sem razão do que afirmamos.

FERNANDO FRAGOSO

FILMS FALADAS

A «March of Times» veio a Portugal com a finalidade simpática de realizar um filme sobre o nosso país. A equipa cinematográfica procurou documentar-se a nosso respeito, para filmar as actividades e as indústrias típicas. E, correspondendo à ansiedade do mundo, focar igualmente a situação do país em face da guerra, com os reflexos políticos e sociais provenientes da mesma. Enquanto James Fitzpatrick se vota sobretudo a seleccionar oleografias turísticas, a «March of Times» explora a reportagem «sensational», no estilo das crónicas internacionais do «Saturday Evening Post» ou do «Colliers», buscando penetrar a alma, os segredos e os problemas dos povos. E como esta tarefa transcende os roteiros dos Baedeckers, nem sempre a «March of Times» louca em verdade atingir os objectivos. Dar ao mundo, em vinte minutos, as belezas naturais folclóricas e etnográficas de um país, é tarefa difícil para um «cameraman», por muito hábil que seja. Procurar ir mais além para, ao mesmo tempo, focar a organização política e social do povo, enunciar os problemas, estudar os reflexos do mundo na vida da Nação — dentro da mesma metragem, parece-nos tarefa demasiado ambiciosa. O filme será necessariamente incompleto; os primeiros aspectos, os traços dominantes terão que prevalecer sobre os mais recônditos, deixando na sombra os que definem a alma e a maneira de ser do povo — e, como muito bem notou Suzanne Chantal, surge, deste modo, a caricatura — e não o retrato. Por via de regra, a caricatura nunca é agradável ou simpática aos olhos do visado. Daí a intenção de inofensiva — por vezes a surpresa da plateia do Tivoli, ante as imagens e os comentários da tela... Queremos dizer com isto que o «Portugal, porta da Europa» seja isento de qualidades? Não. Pretendemos apenas frisar que tem um interesse muito reduzido para o nosso país. E que, perante o documentário, experimentamos a sensação do retratado ao ver a prova úmida apresentada pelo fotógrafo «a la minute»... E apetece-nos dizer também: «Ela! Ficámos tão mal...». Ou, então: «Que pena! Cortaram-nos a cabeça!».

Esta reacção, de resto, é comum aos países que se contemplam no cinema, através de obras feitas por estrangeiros. «Sinfonia dos Trópicos» foi banida das telas da Argentina. «Sangue e Arena» não poderá correr na vizinha Espanha. «Primavera nas Montanhas» desagrudou profundamente no Rio de Janeiro. E, no entanto, todos esses filmes alcançaram um êxito clamoroso no nosso

país. É de crer, por isso, que «Portugal, porta da Europa» agrade, sem reservas, às plateias estrangeiras, a despeito de nos apresentar sem grandeza e sem beleza. Se esquecermos certos aspectos da publicidade feita lá fora — e com a qual possivelmente a organização de «March of Times» nada terá que ver — estamos convencidos de que não houve o propósito de escolher as tintas mais sombrias ou as cores menos brilhantes para descrever o país. Mas o retrato de Portugal saiu desfocado, tremido e, acima de tudo, incompleto.

Por isso, a sensação de pobreza de insuficiência é demasiado permanente ao longo dos vinte minutos. E não pode dizer-se que seja intencional. Que culpa tem o operador da «March of Times» que os homens que aparecem nas adegas onde se prepara o vinho do Porto mais pareçam pedintes esfarrapados do que trabalhadores de uma das mais ricas actividades do país? A gente que moureja nos campos, nos mercados ou na seca do bacalhau tem o mesmo ar abandonado e farruquilha. O próprio Palácio Presidencial de Belém é dum fotografia muito reduzida. E as imagens de Coimbra e das Caldas, o interior da «república» dos estudantes, as redacções das agências telegráficas contribuem para esta impressão de mesquinhez. É claro que o filme alude ao baixo nível de vida do nosso povo. E esse baixo nível, infelizmente, não é um mito. Mas como disse ainda há dias um ilustre homem público: «a nossa geração não pode resignar-se à mediocridade dum Portugal remediado». Daí, a impressão desagradável que este filme nos deixa. E que impedirá as plateias estrangeiras de nos julgarem deformações.

Má intenção por parte dos homens que vieram realizar este filme — não acreditamos! Seria tão fácil dar aspectos mais frizantes do nosso atraso ou da nossa insuficiência: «O sentimento da caridade é apatidão dos portugueses. Aqui vemos, em pleno Chiado, alguns dos pedintes e aleijados que recebem esmolas da população»... «Portugal é um país de trabalhadores: as crianças em idade escolar ganham o pão de cada dia, a vender jornais»... «O lixo é recolhido, por processos primitivos, às onze horas da manhã, mesmo no centro da cidade»... E assim por diante... Esta amostra do que poderia ser feito com má intenção — não está lá. Agradecemos, sob este aspecto, a generosidade dos operadores da «March of Times». O que não significa, evidentemente, que lhe pedoemos, noutros passos, a franqueza — as omissões e as incompreensões...
F. F.



Pat Staling, que vamos ver no filme «Song of the open road», é não só uma das mais elegantes modelos americanas, como uma rapariga extremamente fiorentina... E foi por isso, certamente, que se embrulhou na capa de peles, quando o fotógrafo assistou a objectiva.

CORRESPONDÊNCIA

M. S. A. (Colmbra) — Agradeço sinceramente as suas entusiásticas palavras a respeito do problema n.º 18. Comuniquei à administração o meu protesto sobre a chegada atrasada da revista. Certo que a sua solução do problema n.º 18 já veio fora de tempo.

ALBERTO DE OLIVEIRA, (Lisboa) — Sim senhor, desta vez dou-lhe os meus parabéns. Descobriu o Mistério do «Repórter Mistério». Mas seja discreto, sim?... Muito obrigado pelas suas cartas. Responder-lhe-éi particularmente.

O LOBO SOLITÁRIO, (Pôrto) — Meu caro amigo, não se inquiete. Isto tem a sua demora. Logo que possa, dir-lhe-ei a minha opinião sobre os seus problemas enviados.

LYUXMAN, (Lisboa) — Estão feitas as rectificações pedidas, quanto ao seu nome.

ADOLFO LIMA, (Famalicão) — Pode enviar-me os problemas que quiser. Todos serão aceites... desde que sejam bem feitos.

TEIMOSO N.º 1, (Loulé) — Pode acreditar sinceramente que simpatizo consigo. A correspondência, porém, é tanta, que, por vezes, tenho de atrazar algumas respostas. Mas escreva sempre. Dá-me prazer com isso. E procurarei responder-lhe o mais depressa possível... se, para tanto, a sabedoria e o tempo me ajudarem.

NOTA IMPORTANTE — Por terem apresentado deduções parcialmentes perfeitas, ainda que insuficientes para figurarem no Quadro de Mérito do problema n.º 21, pois falta-lhes a prova principal de acusação, recebem *Mensão Honrosa* os seguintes solucionistas: *Elvira de Castro* (Erme-zinde), *Os três irmãos, R. P. e Ele e eu* (todos de Lisboa), *Manuel Pereira Soares* (Macedo de Cavaleiros), *Rapsax e Inspector Manardo* (Setúbal) e *Sete de Espadas* (Aguaiava).

LEIRIA DIAS (Lisboa) — Recebi a sua carta, a que dei a melhor atenção. Os problemas seguiram para a «bicha» de escolha. Quanto à secção de que fala acho bastante sugestiva. Obrigado pelas suas boas palavras. Transmito a Zorro que V. se encontra disposto a trocar impressões sobre matéria policial, e transmito igualmente a Natércia Leite e a Zirteba as suas saudações.

(Continua na pág. 14)

Solução do problema n.º 22

As respostas certas são as seguintes:

1.º — O senhor X convidou duas pessoas para jantar. Na mesa, vêem-se precisamente três talheres: o do dono da casa, ao fundo, e os dos dois convidados, à esquerda e à direita, (foto 3). 2.º — Um dos convidados pertence ao sexo feminino (casaco deixado sobre o divã da foto 1 e mala à direita do seu lugar, na foto 3). O outro convidado era do sexo masculino (cinzeiro com charuto junto da sua chávena, na foto 3). Além disso para conseguir atingir no alto da cabeça um homem de 1 m. e 85 cm. devia normalmente ser homem também. 3.º — O crime deve ter ocorrido na Primavera (casaco leve de senhora, na foto 3), e flores sobre a mesa, na foto 3). Para mais conciso, a primeira página do jornal refere-se ao «Derby» e o «Derby» realiza-se na Primavera. 4.º — O convidado B comeu carne e batatas fritas. 5.º — Água (veja-se o copo grande de água na foto 3). O convidado A é o único que não tem chávena. 6.º — O relógio da casa de jantar está parado, pois que os ponteiros indicam duas horas e quase um quarto. Quanto ao relógio da sala, marca uma hora normal para o jantar (oitto menos dez). 7.º — Encontram-se em cima do móvel da foto 2: dois candelabros, uma redoma de relógio, um guardanapo, uma colher. 8.º — Três livros sobrepostos, além de algumas revistas. 9.º — A etiqueta da Loja da Mocidade Feminina indica que o casaco pertence a uma parigã. Além disso dá a ideia de que se trata, dum pessoa de pouca altura, pelo tamanho do casaco. Ou, uma pessoa de pouca altura não poderia ter cometido o crime. 10.º — A alfomada branca, está fora do seu lugar. 11.º — O assassino serviu-se dum dos candelabros, normalmente da esquerda, porque o assassino era canhoto, como se verá mais adiante (aliás é junto do candelabro da esquerda que se encontram uma colher e um guardanapo). 12.º — Foi o convidado do sexo masculino, porque o outro era baixo e não poderia alcançar o senhor X, na cabeça, estando ele de pé. Por outro lado, o convidado A estava longe dos candelabros... 13.º — O crime não foi premeditado, pois que o assassino lan-

(Continua na pág. 14)

PROBLEMA N.º 23

O CASO DA PONTE

No último problema, o n.º 22 — Uma prova de exame — houve imensas reparações. Mais uma vez, avisamos: «Não basta responder. É preciso saber responder» — e não chegar atrasado... As respostas ao problema n.º 23 devem ser enviadas «sem falta», até 15 de Novembro.

N. R.



1 O inspector olhou o cadáver longamente. Paul Craker devia ter morrido atogado, pois apresentava evidentes vestígios disso. Num exame atento, o inspector descobriu-lhe um revólver na algibeira e viu que ele não apresentava sinais de agressão violenta. Depois voltou-se para os dois assistentes, Gregory Dower e Martha Post: — «Que sabem disto?» — perguntou-lhe.

2 Martha foi a primeira a depor. Disse que ia a remar, quando já perto da ponte assistiu de repente a esse espectáculo brutal: lá em cima, no alto da ponte, os seus amigos Paul Craker e Gregory Dower lutavam um contra o outro. A luta era emocionante e ela, com a aflição, nem conseguiu gritar por socorro. Para mais, a sua ansiedade era enorme, pois Paul segurava o seu revólver, pronto a aniquilar o sócio...



3 «É verdade — prosseguiu Gregory Cower — ele surgiu de improviso e atirou-se sobre mim, com a intenção de me matar. Tínhamos feito um negócio rendoso e possivelmente, ele queria guardar as duas partes.

4 E ambos baixaram a cabeça. «Foi então — terminou Martha, em voz sumbida — que o Paul se desequilibrou e veio por aí fora, numa vertigem, despenhar-se no mar. Infelizmente não sabia nadar e quando eu cheguei junto dele já era tarde. Apenas, consegui trazê-lo para aqui...» Ficaram olhando o inspector. Este olhou-os também e sorriu. Que pensou o inspector?

(Leia a solução no próximo número.)

A luta foi violenta, confesso, e eu defendi-me a todo o transe impedindo que ele disparasse. Foi então...»

TRIBUNA DO LEITOR

(Arquivo de opiniões, alvíres, comentários, etc.).

O DEPOIMENTO DE LEIRIA DIAS

«...Direi que o problema n.º 18 foi dos que mais me agradou, pelo raciocínio a que obrigava à volta das várias alíneas finais, base de todas as conclusões a que se chegava.

Sobre os próximos Concursos tenho a dizer três coisas:

a) Não vejo razão para não se usarem nomes portugueses! Digo isto por ter visto nos títulos de problemas recebidos um «Great House» e coisas parecidas.

b) Parece-me melhor para a clas-

sificação mensal dos problemas, cada concorrente enviar com a decifração do último problema do mês, o seu voto para o problema que mais tivesse gostado nesse mês, não votando os autores dos problemas publicados; o autor do problema mais votado seria o vencedor. Torna-se mais fácil e prático, pois é um juízo resultante dum confronto.

c) Seria interessante publicarem-se as fotografias dos vencedores de cada concurso.

LEIRIA DIAS

A OPINIAO SINTÉTICA DE ZIRTEBA

«Tudo está muito certo, posso dizer desde já, e serve para desenvolver o espírito de observação e de reflexão».

ZIRTEBA

UM PROTESTO DE MÁRIO CLARO DA SILVA

«Notei que nos problemas enviados para Concurso estavam quasi todos com nomes ingleses. Não seria possível dizer: «Um caso de Ricardo Ferreira» em vez de «Um caso de Richard Evil?»

Os problemas são feitos por portugueses e para portugueses. Porque se há-de empregar nomes estrangeiros?»

MÁRIO CLARO DA SILVA

CLASSIFICAÇÃO GERAL DOS SOLUCIONISTAS

FINAL, como estamos já próximos do final desta primeira série de problemas, só daremos a classificação geral dos solucionistas no número que seguir ao último problema desta série, pois assim atingiremos simultaneamente dois objectivos: satisfaremos a curiosidade dos leitores e encerraremos por completo a primeira série dos problemas do Mistério e Aventura. E isso já não vem longe...

Quadro de mérito policial dos Solucionistas do problema n.º 21

(Por ordem alfabética)

MÉRITO ABSOLUTO:

- (4) All-round Detective, (Mafra).
- (11) António C. Silva, (Loures).
- (11) Arturo Silvari, (Lisboa).
- (16) Artur Varatojo, (Lisboa).
- (1) Detective Águia, (Lisboa).
- (18) João Alberto Gouveia, (Lisboa).
- (16) Mimi Sherlock Holmes, (Lisboa).
- (1) Rómulo, (Lisboa).
- (1) Sardão Fontes, (Lisboa).
- (12) Teimoso n.º 1, (Loulé).

MÉRITO RELATIVO:

- (14) Alberto de Penamacór, (Coimbra).
- (1) As de Copas, (Pôrto).
- (10) Carlos Idães, (Lisboa).
- (17) Fernando Edgar Trigo, (Erme-zinde).
- (8) Fernando Rosa, (Leiria).
- (15) Ivone Costa, (Lisboa).
- (4) Lyuxman, (Lisboa).
- (13) M., (Algés).
- (19) Natércia Pereira Leite, (Lisboa).
- (12) «Philo Vance», (Lisboa).
- (19) Zirteba, (Lisboa).

CONCURSOS MENSIS DE MISTÉRIO E AVENTURA

O Enigma do Enforcado, por Artur Varatojo (Lisboa); A morte do milionário, por Leiria Dias (Lisboa); O caso do laboratório, por Ivone Costa (Lisboa); Um tiro no autocarro, por Leiria Dias (Lisboa); Assassinado nas trevas, por Artur Varatojo (Lisboa); O roubo do colar de pérolas, por Leiria Dias (Lisboa).

QUAL É A SUA OPINIAO? — Cabe agora a vez de Ivone Costa, Teimoso n.º 1, All-round Detective e Philo Vance enviarem a sua opinião, sincera e sucintamente, sobre a orientação desta página, em geral, e sobre a organização dos próximos Concursos Mensais, em particular.

FIGEIRO — Mais uma vez pedimos aos leitores que ainda não o fizeram o obséquio de enviar junta-

mente com o pseudónimo o verdadeiro nome e a morada respectiva para conveniente e necessário registro no nosso ficheiro particular.

INFORMAÇÃO — Respondendo a várias perguntas, repetimos que os problemas podem ser enviados sem fotografias, ainda que tenham preferência os que as trouxerem.

DATA DE RECEPÇÃO — Não há prazo determinado para a entrega de problemas, pois que poderão ser publicados no decorrer de vários Concursos Mensais.

Por outro lado, comunicamos de novo que a data de recepção dos problemas nada tem a ver com a ordem da sua publicação, a qual é baseada apenas numa selecção de valor, de originalidade e de interesse.

NAMORADA DO MAR E DA NOITE!



FOI numa tarde totalmente diferente desta em que estou escrevendo que Yonne Stamato, inspirada poetisa brasileira, sentiu necessidade de compor os seus primeiros versos. O dia fôra bastante quente. O sol, já no declínio, espertava ainda no horizonte em fogo. No ar, um tanto abafado, respirava-se o delicioso perfume das flores que subia do jardim. Encostada à balaustrada da janela, Yonne parecia sonhar. Os olhos perdidos num ponto do espaço, iam tendo as frases curtas ou longas que o cérebro e o coração lhe iam ditando. Mas apesar

da beleza e conforto da tarde, do encanto imenso desse poente, as frases saíam tristes e desalentadas, sentidas, cheias de amargura.

Yonne passou então essas frases para o papel. Lendo-as, o seu coração ficou mais triste ainda. E aos poucos, foi reunindo todos esses versos inspirados sempre em fins de tarde calmos e lindos, deixando-se impregnar do saudosismo estranho do crepúsculo. Da reunião desses versos nasceu o seu primeiro livro: «Sinfonia da Dor». Mas o verdadeiro sucesso estaria reservado para o seu segundo livro: «Porque falta uma estrela no céu».

A poesia de Yonne Stamato é de tendência absolutamente modernista. As suas frases são profundas, cheias de sensibilidade e, por vezes, de melancólica amargura.

Porque não posso transcrever nenhuma das suas poesias completas, não quero, porém, deixar de assinalar algumas das suas frases tão ricas de imagens:

«Eu sou um ponto de interrogação na página branca do livro da vida». «Sou um rio profundo e caudaloso». «Se abro os braços no espaço inundado de sol, crucifico na terra a sombra do meu corpo». «Estenderei minha alma como um livro para os olhos dos entes que padecem».

Bem profundos, também, são os versos tristes da parte do volume intitulado «Mãos Vazias». Cantam eles: «mãos que enrugam lágrimas; mãos que acariariam as formas do impossível; mãos que cerraram pálpebras grozeiras; mãos que se esqueceram de regar...».

E quanta ansiedade e doloroso queixume na poesia intitulada «Mar da Noite».

«Quem sou eu? Onde estou? Em que ponto da vida estará minha vida?» Como resposta, é a sua própria voz tristonha e queixosa que se adianta: «Talvez perdida na imensidão do mar da Noite...». Mas não. Yonne Stamato, a poetisa a quem Olegário Mariano chamou «a luminosa expressão da poesia», não poderá, portanto, ficar «perdida na imensidão do mar da Noite...».

MARIALIA

PARA AS RAPARIGAS DE HOJE

Ondine Collin, a directora dum jornal francês de modas, publicou há pouco tempo numa das suas páginas um artigo para todas as raparigas da França, incitando-as a olhar de frente a hora que passa.

Eis alguns dos seus interessantes conselhos:

«Raparigas! Caminhai em perseguição da felicidade; mas não esqueçais que pessoa alguma conseguirá para si próprio aquilo que não teve a generosidade de dar aos outros. Viveis numa época terrível na qual a guerra engole, para fins que interessam a humanidade inteira, todos os recursos do globo. Acreditais que a vossa vida não terá o seu lugar nesse mundo que se prepara? Que reis continuar a pensar apenas no tamanho da vossa casa de jantar, no vestido de fazenda azul, no chapéu que já usastes seis vezes?»

Por favor, por favor, um pouco mais de lucidez! Procurai aquilo que quereis da vida, sabei o que os outros vos podem dar e aquilo que necessitais adquirir para vós mesmas. Procurai descobrir com cuidado qual é a vossa concepção de felicidade e o que será necessário sacrificar para a realizar totalmente. E esquecei ainda o que é fútil e desnecessário!...»

Ondine Collin tem razão. E nós cremos que as suas palavras poderão ser recebidas pelas raparigas de todo o mundo. A missão da mulher é bela e nobre.

O Livro do Momento
A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA
Por RAFAEL MARÇAL

Respondendo às leitoras

FUTURA MAMÃ — Para a sua primeira pergunta encontrará resposta no que indico a «Casada de Fresco» na revista de 19 de Outubro deste ano.

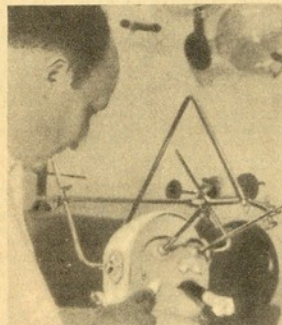
Para o seu bebé, tudo o que seja menos de três dúzias de fraldas será pouquíssimo, tanto mais que o espera para Dezembro, um mês frio e de muitas chuvas. Quanto à facilidade com que se partem as suas unhas pode ter por causa, pelo menos, um destes dois motivos: descalcificação proveniente do seu estado ou o facto de ter de lavar loiças, embora apenas de vez em quando. Aconselho-a a que apresente o caso ao médico que a orienta e, entretanto, experiente banhar os dedos, duas vezes por semana, durante cinco minutos, em azeite bom.

E muitas, muitas felicidades.

O VELHO PORTO
Niepoort
Quem o prova aprova



Um rosto belo e jovem manchado pelas sardas. Depois de empregar alguns métodos já conhecidos, conseguiu apenas tornar as sardas menos visíveis. Chegada a Primavera, elas voltaram de novo!



O mesmo rosto aplicando o grande método recentemente estudado com pleno êxito. O seu principal triunfador — um especialista húngaro — observa, contente, os resultados. Entretanto, a paciente terá de sujeitar-se a essa... cadeira eléctrica.



Nesta foto nota-se nitidamente o excelente resultado. Na região do queixo e da boca a pele começa a adensar-se, aparecendo outra mais fina e sem manchas. Este facto dar-se-á então por todo o rosto, e as sardas terão desaparecido para nunca mais voltarem!

A GUERRA ÀS SARDAS!

AFASTOU-SE ainda há pouco a época pior para as vítimas dessas manchas acastanhadas que por vezes enchem o rosto. A ciência chama-lhe sardas, mas não são mais do que aglomerações de pigmento, absolutamente inofensivas à saúde, mas capazes de, por si só, desfigurar o rosto da mais linda mulher.

Muitas têm sido as medidas tomadas para as evitar. Contudo, e infelizmente, pouco resultado se tem observado. Podem ficar menos nítidas, quasi imperceptíveis, mas vem o Verão, o sol quente de Agosto ou o ar salino das praias e lá voltam elas, mais arrogantes, mais visíveis!...

Alguns especialistas estrangeiros correram já há tempo em auxílio das mulheres vítimas das sardas. A guerra que lhes declararam foi encarniçada e persistente. Mas agora, depois de muito labutar, eles proclamam, orgulhosos do seu triunfo, que as sardas poderão desaparecer por completo. Como?

Eis o pior da história: os métodos que empregam para a destruição das sardas são bastante complicados e talvez um pouquinho dolorosos. Todo o trabalho é feito sobre a electro-cirurgia.

Mas — preguntamos nós — como poderá entregar-se a este tratamento uma rapariga pobre que seja empregada e não disponha do seu tempo? Que bom se os especialistas se lembrassem de inventar um simples pó ou creme de noite com o mesmo eficaz resultado!... Teremos de esperar também pelo fim desta guerra?

Enfim... do mal o menos!... Este emprego da electro-cirurgia já deve ser um dos grandes primeiros passos para o declínio das sardas! Alegrem-se, portanto, aquelas que o possam aproveitar!...



A beleza da linha consegue-se usando os produtos

NOXELL
ÁGUA DE COLÓNIA
SEDA LIQUIDA
PÓ DE ARROZ
CREME DENTAL
BATONS

APOGEU E DECADÊNCIA DA "CARTOLA"



Êça de Queiroz, na caricatura de Bordalo Pinheiro, aparece aqui de cartola...

DA VIDA ATÉ À MORTE

A cartola? Ninguém a dispensava. Era uma instituição universal, local ou funerária, recreativa e familiar, régia ou aristocrática; diplomática e servil; dava o tom e valia, ainda há pouco, mais que o sinal aberto no «senhor tabellão».

Símbolo da vida — sintetizava todas as vidas. Nem o último dos estudantes ia a exame sem a sua «cartola», embora a alugasse, ou qualquer revista do ano as dispensava. Já no final do esplendor teatral revistelo, uma houve que se celebrizou por um só número: — os «cartolinhas».

E quando a instituição respeitável dos «gatos-pingados» ainda estava por motorizar, até na vela-comum os apreciados servidores do público luziam os rapadíssimos «oitto reflexos» do chapéu-alto.

Atravessou, hesitante, titubeando entre o chapéu mole e o chapéu de côco, os anos intermédios da outra à actual guerra. Ao estalarem as primeiras salvas de morteiros no Oriente, ainda um popular e cativante Churchill, infinitamente mais jóvem que o actual sexagenário, se atrevia a ir ao «Derby» com o seu penante. Af o tém, como se fôsse agora mes-

mo: sempre jornalista, parlamentar e político, no seu prazenteiro rosto, nessa inconfundível cara de menino grande, iluminada de um sorriso que tem valido tanto, à Inglaterra, como as suas esquadras, embebecado ou, mais respeitosa e emoldurada no chapéu alto, de pêlo, cinzento claro ou acastanhado. Apostaríamos em que se encaminha à tradicional corrida de cavalos: o grande «Derby». Será assim?

O MEU VELHO E ABAULADO CHAPEU...

Olha-me, triste, amolecido, de um canto do meu guarda-fato. Parece adquirir expressão e censurar-me o vil desprezo em que o tenho. Toda a sua petulante fôlha de serviços lá por fora: dezóito anos. Esteve na Exposição de Sevilha e, suspenso das minhas mãos febricitantes, curvou-se ante os monarcas da nação irmã e os generais em trânsito para o cívico cobre-cabeças; antes, na Galiza, e, mais tarde, em ilhas do mar do sul nitidamente espanholas, passou pelas mágicas rias de Pontevedra, na companhia de ricos e pobres, ou pelos sécos riachos, próximo às lombadas dos camélos, na hora de repouso nessas montanhas onde só havia pedras, areia e, lá longe — a espuma incessante do Oceano, do «Tenebroso», dessa pacífica e burguesa toalha de água onde os peixes fervilham.

O meu penante, cartola, o abandonado e solene «cobre-cabeças», não tem motivos de queixa. Ele e todos os seus irmãos enchem os gavetões das cómodas, que bem incómodas são, em todas as províncias e reinos do mundo. Nem sequer o sorriso Churchilliano o reanimará. E, no entanto, ele irradiava paz, a calma fecunda das longas manhãs a compôr crónicas, memórias, comentários fulgurantes ou discursos ribombantes.

AS ORIGENS LONDRINAS

Sem embargo, o chapéu alto é um invento londrino, e somente por isso o deveriam manter os súbditos de Sua Majestade Graciosa.

Um colega conta-nos a história do primeiro chapéu alto:

— No dia 15 de Janeiro de 1797, em plena guerra com Napoleão, o respeitável senhor John Hetherington passeava nas ruas de uma cidade britânica o seu inconcebível invento. Grande espanto se apoderou dos transeuntes ao verem surgir o respeitável J. H. coroado daquele extravagante cilindro.

Fizeram-se muitas suposições. Garrotoç ou pessoas maiores de idade apertaram-se à volta do audacioso percursor. Ele seguia, flegmático.

— Que significava aquela enigmática safda de fumo? De que serviria aquêle tubo de altíssima forma? Era uma máquina? Era um amuleto? Uma simples chaminé?

O audaz perturbador da ordem dos chapéus inglesa, congelada no tradicionalíssimo e inalterável «três bicos» agalaoado a ouro ou a prata, sobrepôsto à cabeleira empoada e postiga, prosseguiu o seu solitário

passelo, mais do que nunca perturbado e embrulhado pelo rapazio, pelas porteiras e soldados de licença.

As mulheres, então, eternas reacionárias ou boateiras, levantaram um borborinho ensurdecedor. Até parecia que Napoleão desembarcára, triunfante, em Dover, e se disfarçara com a incompreensível chaminé. Levantaram-se dúvidas:

— Será um chapéu desconhecido? Um telescópio? Um pombal para fins ilícitos? Uma seita mais entre as novas modalidades de heresia dos continentais?

A certa altura, a quantidade de curiosos era tal, que a força pública teve de intervir. O portador do aparelho, considerado feticheiro ou perturbador, foi preso e, cumpridas as respectivas formalidades do consciencioso faro britânico, levado à presença do juiz.

500 LIBRAS DE MULTA

John Hetherington, precursor-inventor deste mesmíssimo chapéu que tão jovial torna o senhor Churchill, explicou, na sua voz repousada e sonora, tratar-se de um singelo chapéu simplificado. Levava muitos anos a construí-lo. Nesse dia, 15 de Janeiro de 1797, passeára em público pela primeira vez, afim de ajuizar do gráu de estabilidade da sua criação, ante o vento, da sua resistência à chuva e da maneira como suportava a umidade da atmosfera. Nada tinha de mágico, o seu chapéu; era uma modesta contribuição sua para o progresso das artes e manufacturas da Inglaterra. Ficava cada chapéu «universal» mais barato do que qualquer outro, de dois ou três bicos, por dispensar o ouro, a prata e os veludos ricos em que eram feitos.

O tribunal decidiu e sentenciou. No dia seguinte ao célebre passelo, os diários publicavam o extracto do «verdictum»:

— «John Hetherington foi multado em quinhentas libras esterlinas. Este senhor, pessoa de boas-famílias, mostrou-se na via pública levando na cabeça o que ele chamava «chapéu rígido de seda» o qual não passa de um tubo alto, escandaloso e lustroso, com o intento confessado de produzir espanto entre os transeuntes».

SÍMBOLO DO PROGRESSO

O cidadão John, como Halley, morreu sobre a sua descoberta. Se o cometa voltou, para celebrar o célebre astrónomo, por essas alturas propagara-se ao universo todo o sistema de alturas, base da «cartola». Posterior a ela, a indumentária actual, toda em cilindros, é sua filha dilecta.

Certo é assinalar-se, af por 1830, uma transformação nos fatos à qual nada resistiu. Também inglês, o movimento jóvem das novas gerações, em um século, quando muito, libertou-nos das chineses coloridas e de punhos de renda, impostas pelo gosto de Versalhes.

No entanto, contradição curiosa, a magistratura britânica cooptou a

usar, ainda nos dias de hoje, a cabeleira postiga empoada. Em cento e cinquenta anos, não cedeu à cartola, dos «oitto-reflexos», ao penante, a toda e qualquer variante da moda. No fato, o mesmo. Nos tribunais, é claro.

Agora, ante os «sem chapéu» e o escandaloso «nudismo» já convertidos no corrente «campismo», hão-de persistir, todavia, os austeros e teimosos magistrados ingleses nas modas do tempo de Henrique XIII? O próprio «premier» já se converteu, em tempos de guerra pelo menos, ao igualizante «boné». Quanto aos magistrados não há — podem disso estar certos! — bomba-voadora (que lhes arranque da cabeça os «capachinhos» cuidadosamente empoados pelos heraldos e outros guardiões não menos henriquinos ou isabelinos do que eles.

O chapéu alto, progressista em Portugal, ou regenerador, quando muito; liberal e constitucionalista em Espanha, com D. António Maura ou o conde de Romanones; alvo das ativas pistolas no bosque de Boulogne — propagado, enraizado e vicejante nas Américas, África e Brasil, nasceu, viveu e morreu na Grã-Bretanha, com o apódo vil: — «Multa, por escândalo público: 500 libras!».

CONSIGLIERI SA PEREIRA



O sr. Churchill, nos tempos decadentes do chapéu alto, ou seja, em 1914...

Há 13 anos em guerra!

LEVÁ já 13 anos feitos — Setembro de 1931 — o começo do ataque japonês. Importa, porém, esclarecer desde já que se fala, apenas, da fase actual, chamando actual ao esforço militar ininterrupto que, desde aquela data, o Japão tem sido levado a aplicar. Em verdade, a expansão territorial japonesa, levada à ponta da espada — a «katana», dos velhos «samurais» — data da expedição à Formosa, em 1874, praticamente, 20 anos depois do Japão ter decidido quebrar a sua clausura secular e tomar contacto com o mundo ocidental ou ocidentalizado. Há-de haver uns noventa anos. Temos de reconhecer que o Mikado e os seus súbditos tomaram depressa a lição e a subterram adaptar ao jogo das suas conveniências: da série de «incidentes» com a Rússia e com a China, sempre o Japão teve artes de levar mais um bocadinho para casa... Essa mesma política de realidades e oportunidades levou o gabinete de Tóquio, em 1914, a declarar guerra à Alemanha. A liquidação de 1918 atribuiu-lhe, em Versalhes, a honra de uma das cinco grandes potências mundiais e o proveito do mandato sobre os arquipélagos das Carolinas, das Marianas e de Marechal, de que o Reich foi desaposado.

Os anos que se seguiram foram de apalpadela: a ver onde mais convinha bulir e que política mais convinha adoptar nas relações com os outros povos. Os governos Shidehara e do príncipe Tanaka ensaiaram, por 1925, as duas políticas a que se chamou da «luva de veludo» e da «mão forte». A fraqueza de intenções das potências ocidentais, as suas rivalidades, os seus dissensões latentes, os círculos concêntricos que assinalavam as sucessivas etapas a percorrer no caminho do domínio mundial. Mas vale a pena, nesta altura, em que parecem próximos acontecimentos decisivos no teatro de operações do Extremo Oriente, recordar esses aparentemente esquecidos treze anos de lutas ininterruptas do povo chinês, conduzido com inquestionável pericia pelo marechal Chang-Kai-Shek. O episódio da Manchúria, iniciado, sob o ponto de vista militar, em Mukden, é de 1931. O ano seguinte deu a batalha pela posse de Xangai e, politicamente, o reconhecimento, pelo Japão, do Manchúcio como Estado independente: o que, na linguagem pitoresca do nosso povo, se chama fazê-los e baptizá-los... Em 1933, o Japão ocupa o Jehol e já se sente suficientemente poderoso para voltar as costas às vagas advertências teóricas dos países ocidentais e bater-lhes ruidosamente com a porta na cara, abandonando o seu lugar de membro da Sociedade das Nações, que tivera a «ousadia» de mandar pelo oriente uma comissão de inquérito cujo relatório concluiu, por considerações de carácter vago, onde se reflectia nitidamente o propósito de não indispor excessivamente a potência responsável pela agressão. O estado de espírito já então era tal que, tendo-se pôsto, naturalmente, o problema de saber como havia de decidir-se o mandato que, em nome da S. D. N., o Japão exercia sobre as ilhas ex-alemãs, logo os responsáveis de Tóquio — o sorridente e enigmático Matsuoka passava então pelos Estados Unidos onde repetia a mesma ameaça fizeram saber que defenderiam a posse das ilhas, se preciso fosse, pela força das armas!

Os chineses sofreram tudo: derrotas, a desproporção da luta entre um povo inerte e um forte poder militar, perderam os seus capitais, perderam os portos, perderam a linha de costa, refugiaram-se no interior. Só não perderam o sentido da luta, que nêles se mantém vivo e, hoje, por certo, esperando num auxílio resoluto e eficaz. Com o volte-face americano em grande impeto, no reposto nas Filipinas, os grandes bombardeamentos da Formosa, a própria metrópole japonesa com os seus arsenais à mercê dos gigantes aviões de bombardeamento, bem se pode, na verdade, admitir que tenha chegado para os chineses a hora de ansiedade que os franceses viveram até 6 de Junho deste ano. Evidentemente, a Formosa seria uma base excepcional para operações sobre o continente asiático — mas está a uma distância que torna difícil o lançamento contínuo de forças para uma acção de tal envergadura. Tudo depende, em boa verdade, do que tiverem sido, efectivamente, as perdas navais sofridas pelos dois contendores nas últimas batalhas das Filipinas. Mas a ideia de um desembarque, directamente no litoral chinês, anda no ar. A chamada de Stilwell chegou a parecer a alguns um indicio. Mas a presença de unidades francesas, entre as quais o «Richelieu», não nos dá a sugestão do desembarque na Indochina?

J. R. S.

Quem vem lá? É o êxodo ou o regresso ao lar? As populações civis de todo o mundo conhecem nesta guerra uma tortura infinita e o povo finlandês não pôde fugir ao fatalismo da sua sorte. Milhares de homens, velhos, mulheres e crianças estão a abandonar a Finlândia e a refugiar-se na fronteira sueca, onde os soldados do país vizinho, que teve a sorte de não conhecer a pata da guerra, lhes prestam um auxílio feito de carinho e compreensão da dor.

FINLÂNDIA



O "farol" dos cegos

ÉSTE «Farol» de Nova-York não é só um centro de invisuais: é uma magnífica escola de adaptação à vida e revela o espírito de compreensão de um povo apto a vencer tôdas as dificuldades e a inclinar-se sobre tôdas as desventuras. O «Farol» tem 40 anos, é dirigido pela Associação Americana de Cegos, e virá a desempenhar importante papel quando os soldados sem vista regressarem à pátria. Hoje, já, são mais de 4 mil os cegos que ali recebem amparo — lições de readaptação à vida. Na creche, onde os ceguinhos ficam até aos 2 anos, só se lhes ensina a alimentarem-se a si próprios, ocupando a música o principal meio de educação e compreensão da vida. Entretanto, saem dali bons dactilógrafos, tipógrafos do sistema Braille, cesteiros e sapateiros — sem contar com o aproveitamento das mulheres na confecção de malhas e roupas. Veja-se só o que, em 1943, os cegos do «Farol» fabricaram para venda e ajuda da manutenção da sua «casa»: 236.932 vassouras, 130.224 escóvas de fôjo, 1.034.933 esfregões de pano com cabo, 597.233 fronhas e 37.224 cobertores. Dos 350 cegos empregados pelo «Farol», 161 são operários, 133 ocupam-se em trabalhos manuais e 31 em escritórios.



As mulheres invisuais podem ser excelentemente aproveitadas na confecção de malhas



Éis um bom aproveitamento do trabalho dos cegos: a arte de fazer cestos, dentro de processos especiais

Uma entrevista em que se fala com Elena Moreira

e onde se fala do casaco da Maria Sidónio...

ALI ao Carmo, numa rua estreita, num prédio alto donde se vê a cidade acachapada, mora uma artista que ao microfone, ao teatro e à música gravada tem dado o melhor do seu talento, em troca de belos êxitos. Chama-se Helena Moreira e é o que pode chamar-se a pianista das vedetas. Se isto aqui fôsse a América, com os sonoros réclamos e as fortunas fabulosas que um êxito dá ao artista, esta conhecida compositora, decerto, viveria na oitava ou nona avenida, com o «Rolls» à porta e o porteiro gigante a inspirar respeito por detrás dos damascos dos reposteiros.

Mas, não: isto é Lisboa, cidade pacata onde todos se conhecem e são amigos, mesmo quando as mãos se estreitam fraternalmente invejosas...

Uma coisa, porém, não conhecíamos: onde vão as nossas artistas criar a unidade e o apuro de vozes com que se apresentam ao microfone? Certamente haveria alguém que as guiasse, que as ensaiasse, alguém com talento que as ajudasse a descobrir o seu talento...

E tivemos a indicação que nos levou, escadinhas do Duque acima até à porta de Helena Moreira. No Carmo davam as seis horas. Na escada, subindo

apressada, cantarolando, encontrámos, insinuante e garrula, a festejada vedeta Maria Sidónio. Levava um casaco a três quartos, boa fazenda inglesa, e que a vedeta disse logo, com graça, ser «à pipi».

E depois, com curiosidade:

— Vem, também, ao ensaio?

— Exactamente! Andamos a aprender «Mamã eu quero» e o «Sebastião... tem fastio».

Entramos. Helena Moreira Viana está na saleta de música e trabalha em ensaio. Ouve-se uma voz que canta uma enternecível letra, doce e apaixonada. Esperamos. Noutra sala, Julieta Simões e Graciete Vasconcelos — duas vedetas do Rádio Clube Português — conversam animadamente, com as pautas sôbre os joelhos.

Entre dois compassos de espera — quem espera, agora, são as vedetas — Helena Moreira vai-nos falando da sua vida particular, isto é, da sua carreira artística. E ficamos a saber que tirou o curso do Conservatório, há um bom par de anos, que foi aluna do professor Arnaldo Silva e que...

— Continuou a estudar, não é assim?



Uma nova composição? De certo. E vai agradar...

— Evidentemente. Gosto imenso do piano. É um companheiro, um amigo, pode crer! Dediquei-me unicamente a acompanhamentos...

— Fêz-se ou nasceu compositora?

Helena Moreira fica um momento indecisa... Pelos seus olhos devem deslizar, como sombras, algumas imagens do passado que os anos vão esfumando. Mas, depois, diz com vivacidade:

— Veja só! Escrevi a primeira música quando tinha 20 anos. Chamava-se «Fim de Festa» e era uma marchinha. Ainda hoje me sabe bem tocá-la...

— E depois do «Fim de Festa» é que começou o verdadeiro espectáculo musical...

— Claro, claro — diz Helena Moreira a rir — E a prova é que, a partir da marchinha, marchei aceleradamente

ao longo das pautas. Escrevi muito, muito mesmo, tanto para o teatro como para a rádio. Com o José Cosme trabalho há 4 anos — e na Emissora, por intermédio de Nóbrega e Sousa, tenho ensaiado quasi tôdas as vedetas.

— E as vedetas não cantam músicas suas?

— Então, não? Maria Sidónio e as irmãs Remartínez, por exemplo, têm cantado algumas canções minhas e, vá lá, modéstia à parte, parece que têm agradado... Além disso, gravei discos, alguns até com Dina Teresa...

E com um sorriso de modéstia:

— Faz-se alguma coisa, trabalha-se!

— E, agora, está a trabalhar nalguma produção?

— Pois, então, nada menos que três. Duas já estão

quasi concluídas e são para uma grande cantora da nossa rádio!

— A que horas gosta mais de trabalhar?

— Não escolho nem a hora nem que a inspiração me bata à porta. As minhas composições, geralmente, são feitas com a letra à vista. Depois de ter os versos, sento-me ao piano e improviso melodias. Só depois escrevo no papel. Nunca tentei transmitir à pauta aquilo que me emociona...

O jornalista é indiscreto. E indiscreção pode querer dizer falta de delicadeza. Mas é preciso «arrancar» a raiz à entrevista, custe ou não custe a operação...

— Ouça... de que vive? Só do seu talento de compositora?

— Já não é pouco viver da arte e para a arte... Para o nosso meio não é mau: sou professora de canto coral...

— Lembra-se de alguns outros nomes de artistas que tenham cantado músicas suas?

— São tantos! Filipe Sardo, Morgado Maurício, Sebastião Coelho, não falando nos da Emissora — desde Maria Sidónio e Maria Lemos. A Mimi Extremadouro, a pequenita «Mimi» que hoje está uma senhora, tem, também, interpretado músicas minhas.

— Então, e assim num contacto tão íntimo com a música e o canto, não canta por sua vez?

— Julguei que soubesse que, com Graciete de Vasconcelos, me exibo ao microfone, a duas vezes, em trechos regionais que escrevo. É o programa das «Marias de Portugal».

Maria Sidónio pôs-se a martelar baixinho nas teclas do piano. De vez em quando, olha e suspira, consulta as horas e parece querer dizer ao jornalista:

— Por favor!...

E Maria Helena Moreira Viana, por sua vez, informa em ar de súplica:

— Sabe, a Maria Sidónio tem o teatro...

Claro, claro! Não há tempo a perder! Acabou-se a entrevista — as vedetas vão à lição...

Nós, de resto, não queríamos mais nada: sabíamos onde vai aprender os seus chilreios a rovoada gárrula das artistas dos nossos microfones...

M. M.



As vedetas gostaram. Primeiro há umas dificuldadezitas. Mas a Maria Sidónio e as restantes artistas são inteligentes e bastarão algumas explicações...

ADERENCIA TOTAL



PO
DE ARROZ
POMPEIA

No mundo inteiro as mulheres afirmam que PIVER é um verdadeiro artista, porque as torna mais belas ainda, cinzelando-as, invisivelmente, com os seus produtos de toilette.

Experimente loção, essência, pó de arroz, creme e pasta dentífrica **POMPEIA**!

L.T. PIVER

EDITORIAL AVIZ

apresenta

CARLOS SELVAGEN
DULCINEA
A última aventura de Dom Quixote



Terra heroica em 7 jornadas em 2 quadros e prólogo
Lisboa, 1934

12.50

O Caso Doruga—C. Huck 1500
Pepita Ximenes—J. Valera 1500
Robert Kock—H. Unges 1500
A Morte de Camões — L. Téch 1500
O Vaso de Ouro—Olfmann 1250

RUA DA TRINDADE, 20-2.º
LISBOA

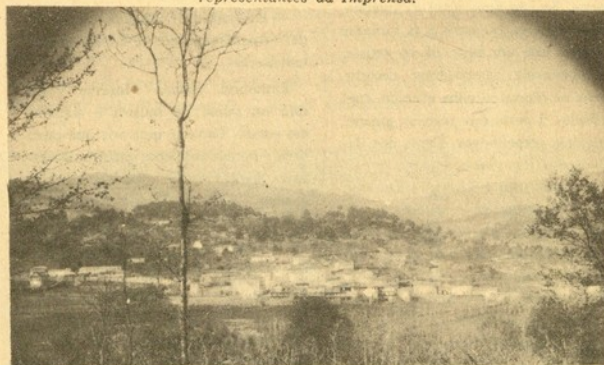
O Livro do Momento

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por **RAFAEL MARÇAL**
A venda em todas as livrarias.
Uma magnífica edição de **«VIDA MUNDIAL»**



Num gesto de confraternização muito para louvar, o conselho de administração da Companhia de Seguros «A Mundial» reuniu, há dias, num grandioso banquete, todo o seu pessoal dando assim uma pública prova do apreço em que tem os seus colaboradores. Para esse banquete, presidido pelo sr. dr. Armindo Monteiro, foram amavelmente convidados os representantes da Imprensa.



Entre a verdejante terra minhota, Celorico de Basto destaca-se pela sua paisagem encantadora Lavada de ares, com as suas casinhas típicas e mulheres formosas, ali procuram saúde para o corpo e para o espírito algumas das nossas melhores famílias, assim como alguns estrangeiros, sobretudo suíços e ingleses.

(Foto amavelmente cedida pelo sr. António Matos)

CORRESPONDENCIA

(Continuação da pág. 9)

JOÃO ALBERTO GOUVEIA (Lisboa) — Faço votos sinceros para que se restabeleça rápida e completamente. Este leitor sauda todos os solucionistas que, com maior ou menor felicidade, mostraram possuir, sobretudo, perseverança. Retribuo o abraço.

PHILLO VANCE (Setúbal) — ...E os seus primitivos considerandos continuam a ter a sua graça...

IVONE COSTA — O seu problema vai ser estudado devidamente. Sir-lhe-ei a minha opinião sincera.

MÁSCARA NEGRA (Pórtó) — De facto, as indicações para as fotos são aconselháveis.

DETECTIVE JONES (Setúbal) — Felicita Natércia Leite pela brilhante posição que ocupa e deseja corresponder-se com *Rapsag*.

ALL-ROUND DETECTIVE (Mafra) — Na verdade, todos nós pecamos... Mas, enfim, do mal o menos, não é verdade, irónico amigo?

MIMI — Viana-do-Castelo — Transmiso as suas felicitações a *Natércia Pereira Leite*, (Lisboa).

O VINGADOR — Lisboa — Já que quer saber porque não tem vindo o seu nome no Quadro de Mérito a razão é simples: as suas deficiências são imperfeitas e pecam pela falta das provas capitais, como sucedeu, por exemplo, com a solução que me enviou referente ao problema n.º 17. Mas não desista. É necessário ser persistente para vencer na vida.

X — Lisboa — Dou-lhe os meus parabéns e os meus agradecimentos. Tem visto muito, na verdade... Mas, às vezes, também se engana, o que sucedeu por exemplo na última carta. Um dos concorrentes a que se referia, fôra omitido, por lapsus tipográfico... Continuo, a contar com a sua vigilância!

REPORTER MISTERIO

COLONIE ETRANGERE ET CORPS DIPLOMATIQUE

Malgré les difficultés presentes et afin de contenter sa cliente, la maison «**MANOLITA**», maître-pelletiers-fourreurs, ont fait venir de l'étranger des techniciens spécialistes ainsi qu'un grand choix de fourrures: Vison, Castor, Astrakan Perse, etc.

Un défilé de manequins aura lieu tous les jours, à partir de 15 heures, pour vous donner un aperçu des dernières créations de Londres et New-York.

«**MANOLITA**» est à votre disposition pour vous donner gratuitement tous les conseils techniques pour transformer vos fourrures.

Prière d'une visite chez

"MANOLITA"

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160 — Tel. 4 0961




* **Columbia** *

ACABA DE CHEGAR NOVA
REMESSA DE DISCOS COM
AS ÚLTIMAS NOVIDADES
INTERNACIONAIS E AS ME-
LÓDIAS MAIS FAMOSAS
DO MOMENTO

HÁ TEMPO ESGOTADOS

OS MAIORES INTERPRETES



AS MAIS CÉLEBRES MELODIAS

CARROL GIBBONS
MANOLO BEL
LECUONA CUBAN BOYS
PETER LESCENCO
JEAN SABLON
CHARLES TRENET
RINA KETTY

BESAME MUCHO
J'ATTENDRAI
ALLA EN EL RANCHO
GRANDE
LAGOA AORMECIDA
RUMBA NEGRA
MARI-CRUZ

FOX ~ SLOW FOX ~ SWINGS ~
RUMBAS ~ TANGOS ~ CONGAS ~ VALSAS

OIÇA-OS NOS

EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

DAQUI E DALI

CONTINUAMOS À ESPERA

A teimosia, parecendo que é um grande defeito é, afinal, também, acreditamo-lo francamente, uma apreciável virtude.

Há dois anos que vimos batalhando na Rádio e na Imprensa pelo ressurgimento da luta greco-romana, o belo desporto que, entre nós, já disfrutou da melhor aura.

Não conseguimos totalmente atingir o nosso objectivo, mas alguma coisa de novo se começou a fazer. A apatia da Federação respectiva foi quebrada pela Direcção Geral dos Desportos que, ao abrigo do parágrafo 1.º do art.º 21.º do Decreto 32.946 — «Não poderão constituir-se em associação menos de três clubes, mas poderá haver federações de duas associações» — forçou à dissolução da Federação Portuguesa, composta inicialmente de clubes de Lisboa, visto que a greco-romana é um desporto desconhecido no resto do país (referimo-nos à luta de amadores, note-se bem), e determinou a constituição de Associação de Lisboa.

Fizeram-se reuniões dos clubes praticantes, estabeleceram-se e aprovaram-se os estatutos que foram enviados à Direcção Geral para esta os sancionar oficialmente.

Mas passaram mais de seis meses e até agora não há nada que nós teve supor que em breve voltará a actividade da luta.

Inquirimos dos clubes e eles respondem que aguardam a resolução superior.

Falámos outro dia com um dos inspectores dos Desportos, que nos confirmou «estarem lá efectivamente para estudo os estatutos da Associação de Luta de Lisboa».

Entretanto, estamos em plena época dos desportos de ginásio e os tapetes continuam enrolados a um canto. As inscrições de praticantes, antigos ou novos, são ridiculas, e a greco-romana continua num marasmo confrangedor — mas nós, que não quebramos na nossa teimosia, continuamos à espera que sejam aprovados os estatutos da Associação de Lisboa, e viveremos pouco certamente se não virmos a luta greco-romana readquirir o seu antigo prestigio!...

...E A PROPÓSITO...

...Já que falámos de luta... Os pésos e alteres, outra modalidade outrora com grande voga, também perderam popularidade. Depois de ditinos nomes que ficaram famosos, se terem retirado, cavou-se um vócuo profundo que ainda não desapareceu.

Tal como na greco-romana, três colectividões possuem a respectiva secção: Ginásio Clube Português, Ateneu Comercial de Lisboa e Lisboa Ginstásio Clube. E possuem ainda aparelhagem magnífica, especialmente o último dos clubes citados.

Poucas ou nenhuma tentativas se têm feito para reanimar a modalidade, que efectivamente requer condições especiais de resistência e uma preparação ginástica adequada e intensa. Apenas uns modestíssimos torneios inter-sócios úteis noutros tempos, quando havia espírito de competição acirrado, mas limitados agora a uns meninos mais ou menos «snobs», que aparecem para depois dizem aos amigos que concorreram a um campeonato de pésos e alteres!...

O secretário geral da Associação de Futebol de Lisboa demitiu-se!...

Ouvindo TRAVASSOS TAVARES

ESTAS coisas são assim mesmo... Sabem-se quando menos se espera. Um encontro casual na rua, troca de impressão sobre vários assuntos, e cal-se no tema infalível do desporto!

Foi o-nosso caso. Iamos na rua do Ouro, com um objectivo, quando encontramos José Travassos Tavares.

— Então, como vai a Associação de Futebol de Lisboa? — Travassos Tavares, esquivava-se, imperceptivelmente, a satisfazer a pergunta. Adivinha-se no seu semblante uma ligeira contrariedade. Insistimos: — Há alguma novidade? Um secretário geral está sempre bem informado... — Pois está. Mas eu já não sou secretário geral da A. F. L... — Por quê? — Apresente à minha demissão... — Porquê? — Mais de vagar, meu amigo. É perigoso tomarmos assim balanço... Segue-se um período de mudas mútuas... Neste intervalo podemos recordar que José Travassos Tavares é há muito um dirigente de bons créditos. Conhece bem o difícil e ingrato teclado desportivo... Dentro do seu clube — o Benfica — ocupou diversos lugares, não só nos corpos gerentes, como orientador de sésões. Exteriormente, tem sido um óptimo embalador da sua colectividade e tem servido probramente o desporto.

A Associação de Lisboa de «Ping-Pong» viu-o ocupar a presidência.

Eis, porém, que o S. L. E Benfica surge agora com uma secção de especialidade, entregue a praticante de competência, com prestigio firmado, não só na alterofília como noutros desportos: Ernesto Sales!

Com a massa associativa de que dispõe, o Benfica tem todas as possibilidades de ver progredir rapidamente a sua nova secção. É natural que alguns experientes, dado o desinteresse dos outros clubes, procurem o grupo dos encarnados. Virão depois os novos, atraídos pela beleza e virilidade dos exercícios. Desses, mesmo que se aproveite uma pequena percentagem, será já para festejar!...

Cabe aqui uma pergunta: porque não se interessa também o Benfica pela luta greco-romana?

As probabilidades de captação de adeptos seriam muito maiores, e a conseguinte propaganda teria outra projecção. Pensemos somente um instante, no que seria um torneio de luta em que participasse o Benfica!... Afigura-se-nos que não é difícil dar satisfação à pergunta... — Tanto mais que, independentemente de outras vantagens, o professor seria o mesmo!...

A ARTE DO SÓCO Que o pugilismo português vive amparado a meia dúzia de vontades, para não dizer a meia dúzia de balões de origénio, é um facto. Dos amadores nem merece a pena falar; dos profissionais, quando se fala é geralmente para não dizer bem, e com fundadas razões.

São, pois, de louvar as intenções dos que devotada e sinceramente



A Associação de «Volley-Ball» desenvolve importante cota na sua fundação. Três anos fez parte do Conselho Jurisdiccional da A. F. L., e há duas épocas que transitou para o espinhoso cargo de secretário geral com a unânime simpatia de quantos com ele privavam — e dele dependiam!... Quebrou-se a mudez. E Travassos Tavares preenche o que?

— Demiti-me porque estou cansado... Preciso repousar. O cargo é duma responsabilidade tremenda, e se procurei cumpri-lo bem anteriormente — e julgo que o consegui — agora, dado a minha fadiga, entendo que devo ceder o lugar a outro... — ...mais folgado!...

Tavares sorri e nós preguntamos: — Pessoalmente as suas relações com os clubes... — As melhores possíveis, felizmente. Desejo até publicamente manifestar-lhe o meu agradecimento pelas provas de consideração que de todos recebi.

— Fica, então, afastado da actividade desportiva? — De forma alguma. Serei espectador, e neste papel, creia, que estarei permanentemente em actividade!

procuram por toaos os meios ao seu alcance contribuir para a expansão, interesse e progresso da modalidade.

É o caso de Rafael Barradas, há 20 anos um propagandista convicto, que pela palavra falada e escrita tem tratado a fundo do pugilismo. Foi praticante, foi árbitro e é hoje um técnico cujas opiniões se acatam porque tem autoridade. Recentemente, Rafael Barradas deu mais um contributo valioso à chamada «nobre arte», com a publicação de um livro, «A B. C. do pugilismo», que tem a grande virtude de estar escrito numa linguagem chã, acessível, e que é um magnifico tratado de «boas».

No prefácio, diz o autor: «Quasi sempre, das duas ou três mil pessoas que seguem as peripécias do combate, há dezenas e centenas que gesticulam, vociferam, se encolerizam, brigam e argumentam, afinal com um limitadíssimo conhecimento de causas».

É assim mesmo. E este livro reúne todas as condições para obviar a êsses inconvenientes e defeitos. Por ele muito se poderá aprender, levando a distinguir o simples acto de dar sócos à arte de os saber dar. Contém também curiosísimos e úteis conselhos aos pugilistas, aos árbitros e aos espectadores, remetando com uma saborosa colecção de instantâneos, onde se recordam alguns dos mais famosos combates e combates em que participaram.

Em resumo: um livro que honra o autor, constitui um óptimo serviço prestado ao pugilismo e cuja leitura e meditação gostosamente recomendamos.

DESPORTO

ERMELINDO SANTOS

NÃO DESARMA... — cinco

minutos de conversa com o prestigioso professor.

O mestre Ermelindo, o homem que aos 11 anos de idade esteve condenado à morte pelos mais conceituados médicos e que se salvou pelo poder extraordinário da ginástica, que há um quarto de século a ministra aos outros com uma convicção que o «seu caso» justifica e reforça, que consegue, enfim, não acusar a passagem dos lustros, mantém a mesma actividade, e o mesmo tranqüilo sorriso de força de idade.

Recebemos, há dias, uma carta de Ermelindo Santos, oferecendo a três crianças pobres protegidas pela nossa Revista, a frequência na classe infantil, que funciona às terças, quintas e sábados às 18.30.

Depois disso, encontramos-lo e agradecemos a sua generosa attitude. Ao mesmo tempo quise saber como ia o movimento no Centro de Educação Física, na Rua Nova da Trindade.

— Felizmente o melhor possível — declarou-nos Ermelindo Santos. — A frequência aumenta de uma maneira que até, francamente, me preocupa, sem deixar de me lisongear... Intermittentes:

— Mais homens ou mais senhoras? — Por agora, os homens são em maior número. Mas estamos no principio da época, como sabe. O ano passado a afluência de senhoras quasi igualou a dos homens.

E acrescenta: — Verdadeiramente animadora a frequência das crianças. Terrei, talvez, que desdobrar as classes.

Numa transição: — Quere saber um pormenor curioso? Entre os homens estou recebendo a inscrição de alguns que desertaram dos clubes especializados! — Porquê?

Ermelindo Santos faz uma pausa. E através da resposta que segue, advinhamos a sua modestia:

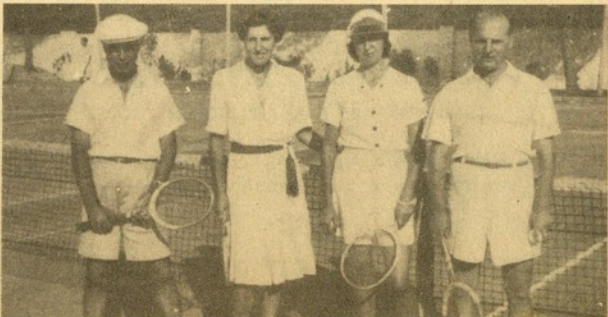
— Talvez porque as horas lhes convenham mais. Efectivamente, é preferível fazer ginástica às seis e meia da tarde do que à noite!...

— Espera continuar a leccionar durante muito tempo?

Um largo sorriso de esperança: — Enquanto tiver bons pulmões, força, saúde e... vida!...



CAMPEONATO DE TENNIS NA COSTA DA CAPARICA



Os concorrentes ao Campeonato Infantil, e os finalistas de «pares-mistos». Da esquerda para a direita, Mário Madeira, Mad. Lory — De Ropes, F. Heibrant. Este último par, foi o vencedor.



SE TEM VERDADEIRO
AMOR A SEU FILHO
NÃO ESQUEÇA
O SEU FUTURO

SEJA UM PAI PRUDENTE
FAZENDO SEM DEMORA UM
SEGURO DOTAL
NA COMPANHIA DE SEGUROS

★ **ULTRAMARINA** ★

RUA DA PRATA, 108 — LISBOA — TEL. PABX. 23348/9

VIDA
MUNDIAL

CHOCADÉIRAS • PINTA PRETA •

PATENTE DE INVENÇÃO N.º 21675 — MARCA REGISTRADA

SE V. Ex.ª é avicultor, tem todo o interesse em comprar uma destas chocadeiras. Se tem uma propriedade, deve comprá-la também, porque é a forma mais conveniente de povoar a sua capoeira com aves de boas raças. Se não é avicultor nem possui propriedades, tem pelo menos um galinheiro no quintal da sua casa que não deve continuar abandonado.

A vida dos pintinhos proporciona a V. Ex.ª e a sua esposa horas de reconfortante passatempo, e os seus filhinhos, ligados a eles pelo «fifeno» da inocência, muito os apreciarão também.

Além disso, a chocadeira «Pinta Preta» é um móvel elegante, indicativo de bom gosto e utilidade prática porque não consome petróleo nem electricidade. As incubações ficam pelo custo dos ovos.

Há modelos para 40, 80 e 100 ovos que se vendem aos preços de 1.000\$00, 1.200\$00 e 1.500\$00. Queira V. Ex.ª dirigir-se pelo correto a

CARLOS PINHEIRO

AUTOR E CONSTRUTOR DAS CHOCADÉIRAS PINTA PRETA

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 150
ENDEREÇO TELEGRAFICO CAPIN-PORTO



LISBOA — PORTO — LUANDA
LOURENÇO MARQUES — LONDRES — NEW YORK

Vamos formar o grupo dos Amigos do Teatro?

(Continuação da pág. 5.)

sada — adesões, cartas, aplausos que registamos e que podem muito bem vir a constituir uma bela e histórica missiva do nosso tempo teatral. Mas, entre tantas adesões e cartas de mérito, uma queremos aqui publicar, porque reflecte um belo espirito entusiasta — e entusiasmo é que é preciso para a causa comum. Eis essa carta, na sua forma teatral:

Sr. Director: No penúltimo número da revista que V. dirige, defendia-se a interessantíssima idéa da criação de um «Grupo dos Amigos do Teatro», sugestão, na verdade, creadora do mais franco aplauso por parte de todos os apreciadores de bom teatro e de boas representações, e que poderia vir a constituir a mais eficaz reacção contra a actual decadência. Infelizmente, não se repisou o assunto no número ontem saído. É assim, por falta de agitação persistente, que, entre nós, nascem e logo morrem muitos alvitre merecedores de melhor sorte.

Por que não determina V. que se continue agitando a idéa, até que à roda dela se crie o ambiente e os adeptos indispensáveis para a sua realização prática?

Pela parte que me toca, desde já me constituo num desses adeptos, comprometo-me a subscrever-me a uma quota mensal para o alvitrado «Grupo», e a importância de 500\$00, de uma só vez, para a constituição de um fundo cujos rendimentos se destinarão a formar prémios para autores e artistas.

Será impossível reunir uns dois milhares de adesões iguais?

Creia V. que só desta maneira prática se põe em marcha quaisquer iniciativas, pois não deve esquecer-se que os autores e artistas precisam de estímulos, e os escritores, críticos e actores a quem sejam incumbidas as leituras, representações e julgamentos, necessitam de ver compensado o seu trabalho.

Subscrevo-me de V., com toda a consideração — Um apreciador de bom teatro.

A esta carta, a quantos aplaudiram a nossa idéa, diremos apenas que «Vida Mundial Ilustrada» pretende dar corpo a uma bela iniciativa, fazendo-se portador de algumas opiniões e obzílias.

Recolhem já algumas valiosas afirmações — e das palavras, é necessário passar aos actos — que, na próxima página, publicaremos com o destaque indispensável.

— «No Pôrto há estações comerciais, semi-comerciais e de amadores!» —

(Continuação da pág. 4.)

tem sempre problemas inerentes a essa centralização... Que nos diz sobre o assunto?...

— Acho que a centralização do Pôrto tem sido o mar das Tormentas da Rádio-difusão! Na sua primeira fase, R. C. L. foi desprezado e entregaram a centralização a outro pósto emissor... Depois criou-se a estação do Grémio dos Comerciantes de Rádio — um nome comprido e outra tentativa de negócio encapotado... — e a centralização foi-lhe confiada. Então, o drama redundou em trágico... Enquanto o antigo centralizador se mantinha no ar com regularidade e imparcialidade, o actual faz «férias» amiudadas vezes, durante as emissões e durante dias seguidos... Parece-me que as facilidades de receita, concedidas ao actual centralizador — uma medida injusta... — nada adiantaram. Noto também que, embora falhem as emissões dos centralizados, as emissões do centralizador nunca deixam de se realizar... Parece-me, também, que havia mais brio na antiga centralizadora do que na actual... — As estações centralizadas têm reclamado?

— Sim, repetidas vezes. Mas não temos sido ouvidos. R. C. L. já ofereceu, por diversas vezes e sob diversos aspectos, possíveis modificações do estado actual. Chegou até a oferecer centralização gratuita. Nada foi conseguido!... Pretendeu também dividir as estações em dois grupos, comerciais e amadoras, oferecendo centralização gratuita às amadoras... — A idéa da divisão em dois bio-

cos emissores parece ser interessante.

— Sim, resultaria daí, pelo menos, um estimulante de aperfeiçoamento... Mas não o viram assim! Paciência! Creio que o problema das estações centralizadas — como todos os da Rádio-difusão do Pôrto — merecia bem o interesse de quem de direito...

E a conversa terminou... Vinco-me mais uma certeza: a Rádio particular portuense tem um nível baixo e um sem-fim de defeitos; a Rádio particular lisboeta, em hora melhor, também se encontra em más condições. Estes dois principais focos da Rádio-difusão portuguesa estão mal, muito mal mesmo... E, o pior, é que, pelas actuais condições, pouco mais podem fazer...

Solução do problema n.º 22

(Continuação da pág. 9)

cou mão dum objecto qualquer, ao seu alcance.

Quanto às características físicas de A e B, já está demonstrado que A era rapariga, devia ser bastante nova ainda (pela altura do casaco e por beber apenas água).

B, pelo contrário, era forte (allmentava-se bastante), alto, porque só assim poderia abater um indivíduo com 1 m. e 85 cm., e era canhoto, pois tem a faca, a chavena de café e o charuto, à esquerda do prato, (Foto 3).

NOTA — Devido à imperfeição das fotos publicadas na revista (do que não me cabe culpa alguma), terei de ser benévolo ao máximo, quanto às respostas das perguntas 3.ª e 6.ª.

R. M.

PHILIPS



Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 24888

OS JORNALISTAS DO PÔRTO têm uma casa...

...mas, apesar de escrevermos Casa dos Jornalistas com iniciais maiúsculas, não podemos dizer que a casa em questão seja verdadeiramente grande para os jornalistas a quem pertence. Grande é ela, como se vê, facilmente, por esta gravura. Grande, elegante, aparatosa de fachada. Quasi um palácio, um Palácio da Imprensa, da Imprensa e do Livro, acrescenta-se porque é pertença da Casa da Imprensa e do Livro, instituição sucessora da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Pôrto. Todavia, a Casa dos Jornalistas, hoje, já pouco mais é do que um nome, embora honroso e prestigioso ainda. Só o segundo andar, afinal, é ocupado pela Casa da Imprensa e do Livro. O rés-do-chão (e a isso fôra, na verdade, destinado) é constituído por estabelecimentos comerciais, de aspecto inegavelmente agradável. O primeiro andar, valorizado por elegante salão nobre, onde muitas festas, conferências, exposições, sessões solenes e bailes se efectuaram, está, também, alugado. O terceiro andar e as águas-furtadas, por seu turno, nada têm que ver com a sede da Casa da Imprensa e do Livro e as respectivas dependências sociais.

Resultado do esforço tenaz e porfiado dum jornalista que, tendo sonhado uma espécie de grande, moderno e atraente clube, conseguiu realizar o seu sonho, incompreendido e desdenhado por muitos, até por alguns daqueles a quem a realização desse sonho beneficiava, a Casa dos Jornalistas é — pode dizer-se, em abôno da verdade — obra quasi exclusiva de António Loureiro Dias, um dos profissionais da Imprensa mais veterados no exercício da profissão. A par da sua função recreativa e cultural, a Casa da Imprensa e do Livro desenvolve uma prestante actividade beneficente, que os seus minguados réditos associativos não permitem ampliar, como seria re-



comendável e necessário.

Nem pela traça arquitectónica, tanto externa como interna, nem pela decoração e o recheio, o edifício em que a Casa da Imprensa e do Livro tem sede é o que pode chamar-se, rigorosamente, uma obra-prima. Houve que atender, na sua construção, a especiais circunstâncias de carácter económico, do que resultaram, como é óbvio, imperfeições. Todavia, o que se fez e, ali, se patenteia, é digno da admiração e da simpatia de quantos sabem avaliar o significado material, moral e intelectual duma obra como aquela.

A Casa da Imprensa e do Livro, que poderia e deveria ser, pelas categorizadas figuras mentais que continua a agrupar, a primeira instituição cultural da capital do Norte, subsiste na sombra e no olvido, sem despertar, verdadeiramente, o interesse dos meios literários e jornalísticos portuenses. Possível é, entretanto, que, um dia, se opere o ressurgimento da instituição e que um vento saudável e animador entre, às lufadas, pelas portas e janelas da Casa da Imprensa e do Livro, dentro da qual, apesar da boa vontade e da manifesta operosidade dalguns — de um ou dois, não mais — dos membros dos seus corpos gerentes, se vive, há muito, vida quasi vegetativa e apática.

DO PORTO O PASSEIO ANTIGO É O PASSEIO MODERNO

ENTRE os seus passeios mais famosos doutros tempos, o Pôrto contava o passeio das Cardosas. Pode, até, afirmar-se que o passeio das Cardosas era o principal logradouro público da cidade, o mais frequentado pela burguesia que, a certas horas, ali afiava para conversar acerca de negócios, discutir acerca de política, intrigar acerca de mulheres. O passeio das Cardosas era, verdadeiramente, o Passeio Público do Pôrto comercial, liberal e sentimental do século XIX e, como é possível que nem todos os meus leitores — se alguns têm, porventura, esta secção — saibam onde se situava o passeio das Cardosas, devo acrescentar que ele corria — e corre, porque existe — ao longo das fronteiras dos edifícios do lado sul da Praça da Liberdade, que se chamou, também, Praça Nova e Praça de D. Pedro e ainda está para o Pôrto como o Rossio está ainda para Lisboa.

Nesse vetusto e venerando quadrilátero, em cujo centro pompeia o bronze solene e magnífico do Rei-Soldado mais o seu corcel de estampa, passeavam, passeiam e passearão todos os indígenas e forasteiros que esperam por alguém ou por alguma coisa, um amigo, uma mulher bonita, um carro-eléctrico, e, até certo ponto, desmentem a pressa que se diz ser apargio de quem anda no Pôrto, cidade de gente atarefada que não conhece lazeres. Pois a parte mais frequentada desse vetusto e venerado quadrilátero pelos passeantes era o passeio das Cardosas, assim denominado por ser Cardoso o apelido duma senhora bem-nascida e mantida a quem pertencia toda a ala de prédios que, apesar do progresso, do lento progresso cidadão, continua, ali, de plantão, à espera de que a iniciativa particular ou municipal, se atreva a substituí-la por outra ala de prédios mais em dia com os gostos e concepções modernas.

Era no passeio das Cardosas que se permutavam as últimas notícias, se revelavam os últimos escândalos, se beliscavam reputações e mordiscavam notoriedades. Certo, havia os cafés e as livrarias, o Guichard e a Moré, por exemplo, mas era ao ar livre, pisando a pedra polida e encardida do passeio, que o portuense gostava, fumando o seu charuto, de comentar os acontecimentos e fazer as suas previsões.

Por fim — como se recita em «O estudante alaciano» — estudo mudou... O passeio das Cardosas, delicia de outros tempos, deixou que lhe arrebatassem a corça conquistada à força de hábito e a fossem colocar no passeio próximo, o que com ele faz ângulo recto, descontando o espaço da embocadura da Rua dos Clérigos. Não tem ainda o passeio novo o prestígio do passeio velho. Nem sequer tem nome positivo, já não digo tradicional, porque diria tolice, mas legalmente estabelecido pelo uso, já que o uso faz lei. Chamam-lhe uns o passeio da «Arcádia», porque o caso-de-casos do metropolitano de Bastos, ponto de reunião de todo o Pôrto frívolo (é óbvio que nem todo o Pôrto que entra é frívolo) e mundano abre sobre ele a larga porta envidrada. Para outros é o passeio do Banco de Portugal, com idênticos motivos para o chamadouro. Mas há mais nomes provisórios e aleatórios, além daqueles. O certo é que o passeio moderno substituiu o antigo. Assim, enquanto pelo passeio das Cardosas passeiam, quasi apenas, os reformados que não toleram o bulício do passeio da «Arcádia» (deixem-me, também, chamar-lhe assim) e não transigem com as modas de agora pelo passeio da «Arcádia» passeia todo o Pôrto que gosta de passear, que se pela por ver pernas bem feitas na subida para os carros eléctricos que, obrigatoriamente, param ali de frente, que não têm que fazer (já existe, sinal de civilização, um Pôrto que não tem que fazer...), que, em suma, entende ser aquele o passeio em que se pode fazer figura.

É claro que a comparação entre os dois passeios, o antigo e o moderno, levar-me-ia longe. Destinado de prolongada digressão pelos terrenos da história cidadã e da filosofia urbana, fico, mesmo, por aqui. Registei o facto: o passeio das Cardosas está destronado, é, hoje, uma sombra do passado, um fantasma de si mesmo em que só reparam os portuenses botas-de-elástico aferrados às tradições e aqueles que são obrigados a passar por ali, no seu afanoso giro cotidiano. Os outros — e os outros constituem a maioria, ou, antes, quasi a totalidade — preferem o passeio da «Arcádia», porque é moda, porque toda a gente pára por ali — e porque sim...

HUGO ROCHA

O BURGO PORTUENSE conserva típicos recantos

Os mais típicos são, sem dúvida, aqueles que fazem parte da primitiva área cidadã ou dela estão mais próximos. Quando, recentemente, nos ocupámos, aqui, do Pôrto antigo e, em particular, do Pôrto ribeirinho, de Miragaia é, na verdade, o expoente, salientámos o inêdito peculiar à cidade velha, com todos os defeitos de estética e de higiene que ali, porventura, comporte. As arcadas de Miragaia, graciosas e pitorescas, embora seja mister reconhecer que sustentam casario vetusto, úmido, ca-runchoso, apodrecido desde os alicerces até aos telhados, constituem o que há de mais expressivo naquela zona da beira-Douro, lá onde o mavioso e enamorado Dirceu, pa-negrista de Miragaia que a política e, sobretudo, a desdita arremessaram para a Costa de África, viu, pela primeira vez, a luz do dia... Nem só, porém, o bairro de Miragaia, com seus arcos, velharias e tradições, com toda a sua graça de retalhos de burgo esquecido do progresso, merece a atenção e a curiosidade de naturais e forasteiros. Muito perto, na Ribeira, metrópole do comércio do bacalhau que se estende pela Rua de São João, pela Rua da Reboloira, pelas ruas periféricas, há, também, recantos em condições de tentarem o mais indiferente dos pintores — ou o mais apressado dos fotógrafos. É ali que

a cidade tem a sua marca do passado mercantil mais vincada e mais potente. Ante as pesadas moles dos prédios seculares, o povo agencela a dura vida quotidiana. O típico mercado ribeirinho atrás o povo das proximidades. Já por ali não estanciam, como dantes, as mulheres que vendiam a cocada, a saborosa, a deliciosa brôa de Avintes, trazida por côr-das, limpas e joviais padeiras que barcos traziam e barcos levavam, bem cheirosos, como as suas passadeiras, ao pão de milho que as mesas mais opulentas e exigentes apreciavam e apesar disso, abrem-se, ali, ainda, as vastas umbelas de riscado, sob que mercadeja uma população paupere e diligente que o bom Sol da beira-rio quece e anima. O Pôrto da beira-rio, de Miragaia, de Mon-chique — já alto convento evocativo de Teresa de Albuquerque! — e da Ribeira, é, na verdade, um bom trecho do Pôrto Camiliano. Simão Botelho... parece ainda que o vemos embarcar, ali, para o degredo... Mas das náus da Índia só restam os barcos rabêloes que passam em frente desta paisagem movimentada, iluminada, cheia de Sol, rude, singela, vigorosa, característica, rumo à Régua, donde vem o precioso vinho fino — que é o mais e melhor car-taz mundial do Pôrto de ontem, de hoje, de sempre...



PÁGINA DAS UTILIDADES



FÁBRICA PORTUGAL



CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA

SALÕES DE VENDA:

RUA FEBO MONIZ, 2-2.
Pr. RESTAURADORES, 49-37
AVENIDA DA REPUBLICA, 57
RUA DA GRAÇA, 82-84

TELEFONES
47157-8-9
2 4948 + 4 1189 + 4 9109

L I S B O A



MÁQUINAS DE COSTURA



HUSQVARNA

UMA PERFEIÇÃO DA INDÚSTRIA SUECA

VENDAS A PRONTO
E A PRESTAÇÕES

CASTRO & SOUSA, L.^{DA}

DOS RESTAURADORES, 13. 3.
LISBOA — TELEFONE 2 9888



VALOR DE QUALQUER DESENHO
EM PRETO OU COLORIDO AUMENTA-
RAM SE UTILIZAR OS LÁPIS
DA MARCA

Caran d'Ache

REPRESENTANTES

GERAIS

DUNKEL & ANTUNES, L.^{DA}

R. AUGUSTA, 56-1.^ª

TELEFONE 2 4251

* LISBOA *



MODERNIZE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármore Sousa Batista, L.^{DA}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
LISBOA ~ TELEFONE 2 7643

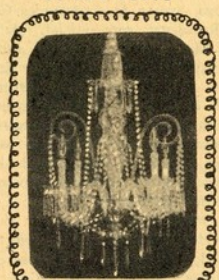
PEÇA NA SUA PAPE-
LARIA OS PRODUTOS
«Horus» TINTAS PARA
ESCREVER, COLAS,
LACRES E PAPIÉS
QUÍMICOS



MOISES & REIS, L.^{DA}

FÁBRICAS: TRAV. DAS ÁGUAS VIVAS, 11
1100-1101-1102-1103-1104-1105
RUA FÁBRICA DA PÓLVORA, 22-A
1100-1101-1102-1103-1104-1105
LISBOA

OS LUSTRES PARA AS DECORAÇÕES
DE BOM GOSTO



Apliques, castiçais e candeeiros de mesa

J. R. DE BRITO

FABRICANTE

RUA LUIZA TODI, 2

À RUA DE D. PEDRO V

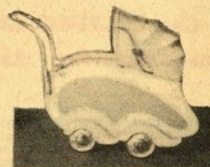
TELEF. 2 0497—LISBOA



É PRECISO JUNTAR O ÚTIL
AO AGRADÁVEL!

FATOS HA MUITOS
MAS UM FATO BEM
FEITO E AO MESMO
TEMPO ECONÓMICO,
SÓ NOS ALFAIATES

GOUVEIA & DIAS, L.^{DA}
R. do Arco Marquês de Alegria, 20-1.
L I S B O A



CARRINHOS
E CADEIRAS
PARA CRIANÇAS

A PRONTO E COM FACILI-
DADES DE PAGAMENTO

J. COSTA & SILVA, L.^{DA}

RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.
LISBOA — TELEFONE 2 6713

ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS CONSULTE ESTA PÁGINA



O CAVALO CANTOR!

UM apreciador de cavalos, olhando para esta fotografia, encolherá os ombros com indiferença, exclamando, desdenhoso: «é um cavalo sem o menor interesse».

Pois podemos afirmar aos senhores entendidos que se enganaram redondamente no seu juízo. O pobre cavalo que aqui vêem é, em poucas palavras, a mesma coisa que um rendimento mensal de 20.000\$00 em

moeda portuguesa. Pois é verdade, meus senhores, espantosamente verdade. Sabem o que faz o extraordinário cavalo? Isto apenas: conhece todas as sete cores do arco-íris, e o seu relincho em nada se parece com o dos outros cavalos seus irmãos, porque, na verdade, não se trata de um relincho mas sim de canto.

Porque é verdade, senhores. O cavalo que está na foto canta uma espécie de melodia a que os entendidos que presenciaram o fenómeno, deram o nome de melodias índias. Ao que parece, o cavalo viveu num acampamento de peles-vermelhas e não se sabe porque razão, o seu ouvido é tão apurado que captou as canções que ouvia. A sua actual dona, uma rapariga de nome Davis, resolveu — e muito bem — explorar o fillo, tanto assim que percorre, juntamente com o cavalo, várias regiões da Califórnia, exibindo-o diante de um público basbaque.

Resta dizer que a jovem Davis cobra mais ou menos 20.000\$00 por mês com estas exhibições, tendo há pouco recusado um esplêndido contrato para um circo. O cavalo, mesmo em vivo, já foi vendido ao Departamento Médico-Biológico do Texas para se estudar tão estranho fenómeno. O cavalo cantor está seguro contra todos os riscos na quantia fabulosa de 200.000 dólares.

Pois não é pena, leitores, que este cavalo só exista na América? Não gostaríamos de possuir um semelhante? Mas quem sabe se a vossa «pileca» não começará, mais tarde ou mais cedo a cantar? Tenham esperanças. Vinte contos é dinheiro...

Reunião submarina...



EM todo o mundo, o «bar» de Silver Spring, na Flórida, é o mais conhecido e o mais bizarro. E sabem porquê? Porque está construído debaixo de água, num lago. A arca do fundo é, para os seus frequentadores, o soalho. E passeiam nele, como nós passeamos em nossa própria casa.

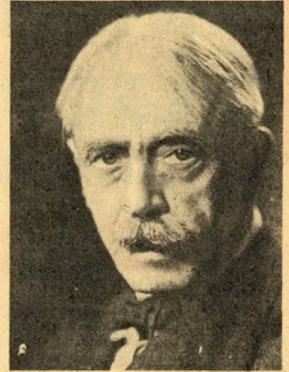
Estas fotografias representam um grande esforço de paciência. Foi necessário mil tentativas para se conseguirem estes instantâneos, onde os personagens atingem toda a naturalidade. Reparem no ar simples com que o cavalheiro amável acende o cigarro de sua companheira. Reparem também no freguês que se aproxima do balcão do «bar» ou naqueles dois senhores que estão pendurando a roupa na corda, «para secar». Pois isto tudo é feito debaixo de água, ainda que tal pareça incrível.

Note-se, porém, que os personagens destas cenas são acrobatas e dançarinos. Uma máquina apropriada para a submersão, um potente projecteur e eis as fotografias.

Silver Spring era um local sem interesses turísticos, mas graças a excentricidades desta ordem, tornou-se uma das praias mais concorridas da Flórida.



Sabem quem é PAULO VALÉRY?...



O seu nome completo é Paul-Ambroise Valéry. Nasceu na França, numa terreola chamada Cette, perto de Montpellier, em 30 de Outubro de 1871.

Espírito essencialmente latino, Valéry foi educado à beira do Mediterrâneo, onde, desde cedo, começou a receber inspiração para o seu futuro trabalho, o «Cemitério Marinho», uma das maiores peças poéticas escritas até hoje em língua francesa.

No escola, Valéry manifestou-se um estudante pouco aplicado. No liceu, a mesma coisa. O sonho bonito deste jovem era fazer-se marinheiro.

Todavia, acabou por se matricular na Faculdade de Direito, em Montpellier.

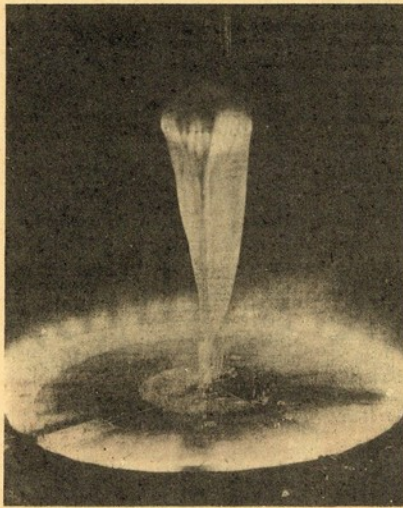
Findo o curso, em 1892, Paul Valéry passa a habitar Paris, onde trava relações com Herédia, Mallarmé, Henri de Régnier e André Gide.

Em 1894, Juliette Adam pede a Paul Valéry um artigo sobre Leonardo de Vinci, para ser publicado na «Nouvelle Revue». Este foi o primeiro trabalho em prosa de Valéry. Depois, seguem-se umas narrativas filosóficas, em capítulos, sob o nome «La soirée avec M. Teste».

Nesse mesmo ano, em 1895, inicia a sua colaboração no «Mercure de France». Em 1895 abala para Londres, para se dedicar inteiramente ao jornalismo. Regressa de novo a Paris, ficando como secretário da direcção da Agência Havas.

Em 1913, por pedido dos directores de «Nouvelle Revue Française», Valéry reúne em volume as suas poesias da juventude. Surge, então: «La Jeune Parque».

Em 1920, publica «Album de Vers Anciens», em 1921, «Charmes». Anos depois, em 1925, a Academia Francesa abria-lhe de par em par as suas portas. Os seus últimos livros foram: «Variété II», «Eupalinos» e «L'Idée Fixe».



VISÃO à Júlio Verne?...

NÃO parece um fantasma, qualquer coisa de medonho, de nunca visto, uma gravura arrancada a uma fábula ou a um livro de Júlio Verne?

Pois não é mais do que o balão estratosférico «Explorador D», do exército americano, que está a ser chefo, em plena noite, à luz feérica dos projectores. Algumas horas mais tarde, o «Explorador D» subiu ao ar, até à estratosfera, batendo todos os «records» de altitude: 22.200 metros.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Noruega

ASSIM a economia norueguesa viu-se na necessidade de acertar o passo, em obediência às novas realidades resultantes da ocupação, como sou o ponto de vista político, a vida da nação norueguesa se viria forçada a adaptar-se ao conceito da nova ordem europeia. O chefe da Repartição Económica do Comissariado do Reich afirmou, logo no começo de 1942, que a indústria norueguesa teria de sofrer uma transformação profunda, devendo preparar-se a fim de poder trabalhar exclusivamente para aquele país.

Em consequência disso, a Noruega passou a produzir exclusivamente matérias-primas e produtos semi-manufaturados com destino ao Reich. Uma consequência, não menos importante, desta decisão foi a entrega da parte da marinha mercante norueguesa, que não seguira, em seguida à ocupação do país para portos aliados, aos alemães. O mesmo chefe da Repartição Económica do Comissariado do Reich fez, a esse respeito, uma declaração oficial acentuando que a marinha mercante que restava à Noruega era «exageradamente grande» para as necessidades do país, e que ao serviço das necessidades de guerra do seu país seria certamente mais útil.

Embora à primeira vista parecessem desnecessários, dada a situação que se criara entre os dois países, a Noruega celebrou uma série de acordos comerciais com o Reich. Para a realização desses acordos foram destacados alguns dos mais conhecidos peritos económicos do Reich. Simultaneamente, a Noruega, por indicação do governo de Berlim, celebrou acordos económicos com diversos países neutros, especialmente com a Suécia e a Suíça. Os verdadeiros objectivos destes acordos consistiam em alimentar a máquina de guerra do Reich, cujas exigências aumentavam à medida que a luta se intensificava. Invariavelmente, os pagamentos que resultavam da sua aplicação eram feitos por intermédio da Caixa de Compensações, criada para esse efeito na capital alemã. Foi, assim, possível dar, em 1942 e 1943, a sensação de que a vida económica do país se fazia segundo um ritmo normal, quando as realidades eram singularmente diferentes desta aparência enganadora.

A ILUSÃO DA PROSPERIDADE ECONÓMICA

Apesar de haverem cessado completamente as exportações, que, em tempo normal, a Noruega fazia, por via marítima, para os países do ocidente, o total dos produtos exportados aumentou a partir de 1942 e atingiu mesmo uma cifra imprevista. Mas esses produtos, na sua quasi totalidade, seguiam para a Alemanha. Acontecia isso, por exemplo, com as pescarias norueguesas, das quais mais de oitenta por cento (peixe fresco e conservas) se destinavam a abastecer o Reich. Para simplificar e me-

lhorar esta exportação os alemães enviaram, em certa altura, alguns dos seus melhores técnicos para melhorarem as instalações das antigas fábricas e para construir novas fábricas de conservas que passaram a laborar exclusivamente para eles.

Um outro artigo tradicional na exportação norueguesa é a pele, sobretudo a pele de raposa, pretaada ou platinada, que constituía, em tempo de paz, uma das grandes fontes de riqueza do país. Calcula-se que à data em que estalou a guerra havia no território norueguês mais de meio milhão daqueles animais. O seu comércio era um dos mais importantes e característicos daquele país.

Depois da ocupação o comércio de peles passou a fazer-se exclusivamente em benefício do ocupante. Em cada ano as autoridades de ocupação fixavam o número de animais que deviam ser abatidos, e os proprietários tinham de entregar, dentro dum prazo limitado, um número de peles correspondente. Estas eram-lhes pagas em papel-moeda emitido pelo Banco de Oslo, segundo uma tabela arbitrariamente fixada por aquelas autoridades, as quais se encarregavam, depois, de proceder à venda do produto no mercado estrangeiro. Para a venda eram, de preferência, escolhidos países neutros, o que constituía uma fonte excelente de aquisição de divisas. O montante dos levantamentos feitos pelas autoridades de ocupação até fins de 1942 andava à volta de seis bilhões de corões (aproximadamente trinta e três milhões de contos).

Por vezes as exigências da guerra justificavam o recurso a expedientes que finalmente se traduziam por um benefício de ordem económica para o ocupante. Sucedeu isso, por exemplo, com a apreensão dos receptores de T. S. F. existentes na Noruega (cujo número se avaliava em cerca de trinta mil), os quais tendo sido inicialmente depositados, em nome dos seus proprietários, foram mais tarde vendidos na Alemanha. Um decreto publicado em seguida justificava a medida adoptada dizendo que a conduta do povo norueguês em relação às autoridades de ocupação justificava aquela providência.

A SITUAÇÃO ALIMENTAR

As conhecidas fábricas norueguesas de alumínio situadas em Hoyanger e Holmestrand, foram entregues a uma importante firma alemã da especialidade. Esta mesma firma tomou igualmente conta de todas as instalações hidro-eléctricas do país. A firma «Hermann Goering Werke» recebeu, na Noruega, várias concessões. Nas empresas norueguesas que não ficaram sujeitas a esse regime foram colocados engenheiros e administradores alemães. A Noruega tinha adoptado, em tempo de paz, uma legislação muito rigorosa para impedir ou limitar severamente as concessões a estrangeiros. Essa legislação foi revogada depois da ocupação.

Os aspectos económicos da exploração industrial e da actividade comercial caracterizavam-se, assim, na prática, por uma transferência, sem compensações, dos valores nacionais para a posse ou para a exploração das autoridades de ocupação ou de súbditos do Reich. Mas essa situação era ainda mais crítica quando se tratava de produtos agrícolas, e especialmente de produtos destinados à alimentação da população norueguesa.

Antes da ocupação a Noruega produzia, em grandes quantidades, entre outros produtos, manteiga, ovos, queijo, peixe, carne e batatas. A produção cobria inteiramente as exigências do consumo local, e uma parte dela destinava-se à exportação.

Os principais produtos de importação eram o café, o chá, o açúcar, alguns géneros de mercearia e a quasi totalidade dos cereais destinados ao fabrico do pão. O governo norueguês, ao considerar as contingências da vida internacional, tinha constituído abundantes reservas desses produtos. Calculava-se que as reservas acumuladas corresponderem a dois anos de consumo normal ou a quatro anos de consumo racionado. Estas provisões não entravam, porém, em linha de conta com o aumento da população resultante da ocupação. Esse factor inesperado de consumo era constituído por cerca de quatrocentos mil soldados e oficiais alemães que passaram a viver permanentemente no país e a pesar decisivamente na sua economia alimentar, tanto mais que se tratava de consumidores em relação aos quais as regras implacáveis de racionamento aplicadas aos súbditos noruegueses se não faziam sentir.

AS RAZÕES DO COMISSARIO DO REICH

Normalmente, um soldado alemão aquantelado na Noruega recebia por semana as seguintes rações: carne, seis dias por semana; salchichas, seis dias por semana; 5 quilos de pão; 5 quilos de batatas; 3,5 quilos de hortaliças diversas; café, queijo, compota, mel e chocolate. Para o mesmo período de tempo as rações destinadas aos noruegueses eram sensivelmente menores e de pior qualidade. Esta situação agravou-se bastante depois do início da campanha da Rússia e da entrada da Finlândia na guerra ao lado do Reich. Depois de 1942 o peixe, uma das grandes riquezas da Noruega, passou a ser severamente racionado. Praticamente, as frutas e as hortaliças desapareceram dos mercados.

Num discurso proferido em Outubro de 1941, o Comissário do Reich, Terboven, dizia: «A causa alemã é fundamentalmente a da condução victoriosa da guerra. Essa causa não pode, evidentemente, deter-se a considerar a situação de algumas dezenas de milhares de dinamarqueses e a sua situação alimentar». O major Quisling, tratando nessa altura o mesmo problema, empregou expressões aproximadamente idênticas.

Mas na Noruega não foi apenas a escassez de certos produtos indispensáveis à alimentação que começou a fazer-se sentir. Com ela coincidiu um aumento inoportuno dos poucos géneros que apareciam à venda. Simultaneamente, os salários e vencimentos diminuíram. Uma subvenção que o Estado havia concedido, já depois da guerra, aos seus servidores, foi anulada pelas autoridades de ocupação. As autoridades alemãs exprimiram, publicamente, o seu ponto de vista de que a situação económica da Noruega só se modificaria reduzindo ainda mais os salários e ordenados e aumentando o rendimento da mão de obra.

Inicialmente, estabeleceu-se, a esse respeito, uma distinção entre os operários e trabalhadores que se empregavam ao serviço de patrões noruegueses e aqueles que trabalhavam para as autoridades de ocupação. Estes últimos eram relativamente mais bem pagos. Mas esta situação durou apenas alguns meses. A partir de 1941 verificou-se um nivelamento de salários e vencimentos até que, sobretudo a partir de 1943, as autoridades de ocupação tiveram de recorrer ao regime de trabalho obrigatório para corresponderem às exigências crescentes impostas pela condução da guerra.



O supremo comandante das forças armadas norueguesas, general Wilhelm Hansteen, inspeciona, frequentes vezes, as várias unidades de guerra — ou seja, do exército, da marinha, da aviação e, ainda, de artilharia costeira. Vêmo-lo na casa de controle de um forte, algures na costa britânica.



A Noruega é um país pitoresco, onde a paisagem sugestiva prende e encanta o viajante. Eis um aspecto de Hammerfest, no norte do país e importante porto.



Os caça-minas noruegueses ajudam os ingleses na limpeza dos mares. Muitos destes barcos eram traineiras de pesca ou baleeiros, vindo-se na foto a tripulação no exame de armas aprendidas.



A Noruega é um país de elevado nível cultural. A magnífica Universidade de Blindern, perto de Oslo, era um estabelecimento de assinalável nomeada.



Depois da ronda a tripulação deste caça-minas não pode deixar de se alegrar. Aqui está uma bomba flutuante colocada no Atlântico Norte pelo inimigo.



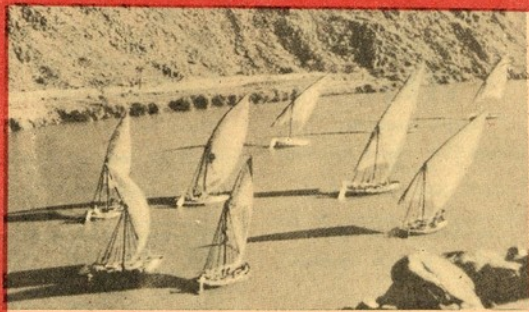
(Continua)

Vlagers maravilhosas V NAS MARGENS PITORESCAS DO NILO

A história do Nilo encheria, decerto, muitas e muitas páginas se a quiséssemos contar aos leitores.

Desde os tempos remotos em que os egípcios labutavam nas suas margens arrancando da terra o pão e o suor — até aos dias de hoje, em que à sua volta se erguem alicerces profundos para o mundo de amanhã, o Nilo, rio das águas gigantes, tem uma biografia feita de páginas grandiosas, onde o heroísmo se mistura com o sacrifício, e a glória é gêmea da ambição e o esforço do homem se confunde com o próprio poderio da Natureza.

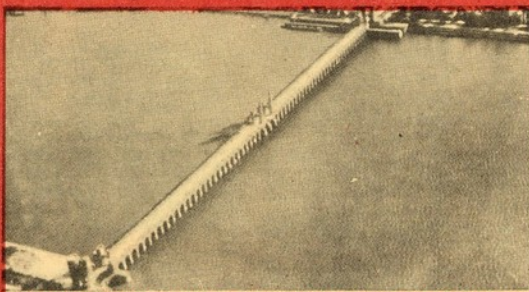
Mas deixemos a história do Nilo, que há-de ser contada um dia, e voguemos, apenas em imaginação, pelas suas margens, dum pitoresco verdadeiramente encantador.



1) Aqui, brancas velas correm pelo rio fora. Uma regata desportiva no cenário viril deste rio enorme. E as velas parecem levar consigo uma mensagem de paz para que as próprias águas do Nilo se libertem da esperança e de fé nos dias do futuro.



2) Mas logo, no alto Sudão, surgem os pântanos traiçoeiros e perigosos. Não mais o Nilo é o rio das águas calmas. Em Bahr-el-Ghazal, nome de a guerra tornou conhecido, o Nilo sofre alterações e parece outro, sem dúvida alguma.



3) E agora o Nilo volta a ser o grande rio largo e de águas tranquilas, que passa sob este dique impressionante. Com o seu comprimento de 3500 quilómetros, o Nilo irriga muitos campos e vai banhar muitas cidades, entre elas Cairo, na sua margem direita.



4) Finalmente, este quadro curioso no Sul do Nilo: um pequeno povo árabe perto de Assyt, com todo o seu estranho encanto e todo o seu delicioso pitoresco.



MATERNIDADE! Em toda e qualquer parte do mundo, as mães são sempre mães. Negras ou brancas, civilizadas ou selvagens, a mulher orgulha-se da sua nobre missão de maternidade — como o demonstra triunfantemente esta indígena africana.

“EU ESTIVE ENTRE OS PAPUAS CAÇADORES DE CABEÇAS”

As reportagens vividas são sempre documentos que ficam para a história. Sobretudo, quando elas dizem respeito aos usos e costumes duma determinada região ou dum certo povo. Por isso mesmo, achámos de interesse para o leitor esta reportagem bem viva, e bem vivida, em que o jornalista recorda o momento emocionante em que esteve nas mãos dos terríveis caçadores de cabeças. H. Bernatzik, explorador e jornalista, af vos vai contar uma das suas mais sugestivas aventuras em terras dos mares do sul.

«...Certo dia, apresentou-se-me um indígena em Korandi. Vinha soberbamente adornado e as suas plumas tinham mais dum metro de altura. Além disso, enfeitava a cabeça com quatro bicos de corvos, os quais representavam — disse-me ele mais tarde — outros tantos inimigos abatidos.

O homem, armado até aos dentes, meteu-me medo, na verdade. Chegando perto de mim, estendeu-me a mão com um «How do you do?» que me deixou estarelecido. Calculem, um guerreiro da floresta virgem a falar inglês.

Pouco depois, porém, contou-me como aprendera essa língua. Tendo-se certa vez, um indígena da tribo dos Motus aventurado em demasia para o interior foi bastante infeliz, pois encontrou o meu novo amigo, que o matou sem a mais leve hesitação.

Contudo, como passasse pelas imdações, nessa altura, uma patrulha inglesa, o assassino foi preso e enviado para Port-Nousby, onde esteve encarcerado durante cinco anos. Nesse tempo, teve ocasião de aprender a língua inglesa e muitas outras coisas...

Depois explicou-me também que era um caçador de cabeças. Mas diante da minha expressão aflitiva, e para me tranquilizar, informou-me logo que as tribos papuas não matavam para sacrifício dos seus ritos religiosos e, sim, apenas, como homenagem aos espíritos dos que são exterminados.

Graças a este novo amigo pude estar, sem perigo, entre os Papuas, caçadores de cabeças. Eles matavam todos os homens que não pertenciam à sua tribo, e, assim, havia um constante estado de guerra entre as várias tribos.

Contudo, não me consideravam

estranho, pois que eu fóra recomendado por um dos mais ferozes caçadores da região.

E consegui saber algumas coisas bastante curiosas. Os homens aqui são de pequena estatura, de pele clara, geralmente barrigudos e têm bastante semelhança com os habitantes das nascentes de Purani, até no modo de lutar.

As casas são dum pitoresco notável e feitas com o bom material que por ali abunda em grandes quantidades.

Trazem sobre o cabelo curto e encarapinhado uma espécie de capacete feito de fibra e que acaba caíndo para a nuca, tal qual os rabichos dos chineses.

O capacete é ainda reforçado por unto, resultante da mistura de cinzas, carvão vegetal e mel. O cheiro penetrante do mel dá-lhes um fartum imensamente penetrante. Os próprios pilhos, não se sabe se morrem de super-alimentação ou asfixiados.

O casamento consanguíneo é quasi sempre permitido, e daí a razão de numerosos casos de degenerescência e deformidade que frequentemente encontrei.

Assisti a uma grande festa. Chegaram de todas as aldeias vizinhas, animais e homens e mulheres carregadas de filhos. Apareceram ornamentos fantásticos. E dançaram toda uma noite e todo um dia, até à madrugada seguinte, ao som de tam-tans que acabaram por produzir um barulho infernal...



Cabelos cheios de sol



«Lavalan-hulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e subúlvios.

Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. A venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. P. L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª D. — Telefone 4 3582.

A BOLSA DO LIVRO

P. DE D. JOÃO DA CAMARA, 4.ª LISBOA - TEL. 2 8470

COMPRA, VENDE TROCA, EMPRESTA E LEILOA LIVROS EM TODO O PAÍS

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS, ETC.

ÚNICA ORGANIZAÇÃO NO SEU GÉNERO



PÓ D'ARROZ "MONTEGIL"

UMA QUALIDADE SUPERIOR. ALIADA ÀS MAIS MODERNAS E LINDAS CÓRES

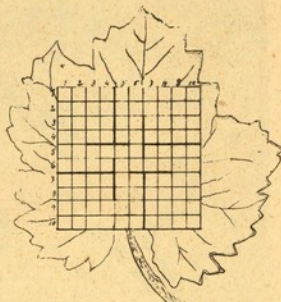
À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 53

Por José Rodrigues Correia (Viseu)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Aversão; corpo sólido, cujos planos rectilíneos opostos são iguais (geom.). 2 — Parte das estações de caminho de ferro, em que se descarregam mercadorias, e se apeiam ou embarcam os passageiros; imaginários. 3 — Fileiras; nota musical (ant.); fôlhas de palma (na Índia portuguesa). 4 — Fruta; pronuncia o que está escrito; bebida que, segundo a crença dos Arias, dá aos justos o privilégio de conservar a imortalidade do corpo. 5 — Ligadas; épocas. 6 — Crivo; indolência. 7 — Transpiras; nome de letra grega; aprisco. 8 — Brilha (como fogo); atmosfera; fechar as asas para descer mais depressa. 9 — Nome de mulher; coche antigo. 10 — Tornar-se pouco comum; lavrou.

VERTICAIS: 1 — O mesmo que acaçar (pop.); aparecer. 2 — Sala pequena; fêmea do urso. 3 — Ter ciúmes de; outra coisa; acrescentar. 4 — Torra; compaixão; desejo ardente (fig.). 5 — Pântano; protege. 6 — Esticado; encolorizar-se. 7 — Elrós; artigo (ant.); serra portuguesa. 8 — Chancela; lado da pópa de um navio; chegar. 9 — Trítum; infausto. 10 — Queima; povoação portuguesa do concelho de Estarreja.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 52

HORIZONTAIS: 1 — Acabar; sala. 2 — Somas; tocam. 3 — Amarelecido. 4 — Met; meu; dor. 5 — Mal; pisa. 6 — Lio; mif. 7 — Aros; sim. 8 — Lit; mim; cos. 9 — Acamaradara. 10 — Rodar; nadar. 11 — Asas; carolo.

VERTICAIS: 1 — Asam; calara. 2 — Comem; ricos. 3 — Amatalotada. 4 — Bar; lis; mas. 5 — Asem; mar. 6 — Ler; rr. 7 — Teu; mana. 8 — Soc; pls; dar. 9 — Acidificado. 10 — Lados; moral. 11 — Amoras; saro.

CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

Terminado que seja o 1.º Concurso de problemas e finais de jogo de «damas», e logo a seguir à distribuição dos respectivos prémios aos vencedores, iniciaremos um Concurso de Palavras Cruzadas, com prémios, de que oportunamente publicaremos a lista.

CONDIÇÕES

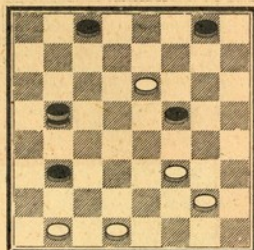
- 1.º — Todos os problemas devem ser enviados para esta secção até 15 de Dezembro p. f.
- 2.º — Os problemas serão desenhados a tinta da China, preta, sobre cartolina branca, papel vegetal ou quadrado.
- 3.º — Acompanhando-os, remeterão os seus autores o respectivo enunciado e um outro desenho, com a solução, feito com qualquer tinta.
- 4.º — Não aceitaremos problemas sem motivo de continuidade, e que apresentem uma escassa percentagem de cruzamentos, não devendo os seus desenhos exceder 13 quadrados, de lado.
- 5.º — As designações de tantas le-

PASSATEMPO

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 56 (Concurso)

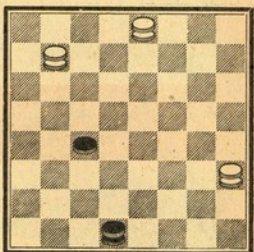
Por Cândido Polcarpo (Lisboa-Santarém)



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 16 (Concurso)

Por «Lustada» (Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 53 (Concurso) Solução

10-14 — 19-10; 1-20 — 24-6; 29-26 e 23-27 g. — 24-2; 12-16 g.
— 24-6 — B 12-3 e 1-26 e 3-30 g. — B (dual) 12-8 e 1-26 e 23-27 g.
— 24-2; 12-16 e 1-29 g.

NOTICIÁRIO

Ovar está a realizar o seu Torneio de Preparação em «Damas».

Disputa-se a Taça Dr. Manuel Pacheco Polónia, oferta do campeão local José Polónia Figueiredo, que, ofertando-a, pôs em movimento a modalidade e permitiu que prestásemos homenagem de gratidão à Ex.ª Câmara Municipal na pessoa do seu Presidente, Dr. M. Pacheco Polónia, pelo apoio dado a realizações anteriores.

Os concorrentes, em número de vinte, foram distribuídos em duas séries:

Série A — Dr. João Pais, José Ferraz Pinto, Luís Amador, Manuel Correia Dias, António Girão, Engenheiro Fernando Moura, António Cunha, José de Oliveira Soares, José Polónia Figueiredo, António Lopes.

Série B — António Laranjeira, Manuel Peulim, Dr. José Carvalho da Silva, Joaquim Correia Dias, David Godinho, Mário Matos, Manuel Antunes, António Alberto Valente, Manuel Silva, José Ferreira Coelho.

O número atingido é consolador, e mais se pode esperar no futuro, sabendo-se que entre a juventude local há muito quem jogue as «Damas».

Em disputa, além da referida taça, há ainda quatro prémios a atribuir em sistema de eliminatória entre os quatro primeiros classificados de cada série.

tras de, anagramas e consoantes e vogais darão motivo à perda de 1 ponto por cada uma delas.

6.º — Todos os termos dos enunciados se deverão verificar em qual quer dos seguintes dicionários: *Novíssimo dicionário de Cândido de Figueiredo*; *Cândido de Figueiredo* (edição reduzida); *Francisco Torrinha*; *Augusto Moreno* (complementar) e *Jaime de Séguier*.

7.º — Por cada palavra invertida será descontado 1/2 ponto.

8.º — O total de pontos a atribuir a cada problema será de 10.

9.º — No caso de empate proceder-se-á a sortelo.

10.º — O perfeito rigor sinónimo será tomado em consideração para a atribuição de pontos.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos Rodrigues Lafora (Espanha)

1.º Concurso Internacional de Problematistas de «Damas»

2.º Concurso da Casa Conhaque «Terry»

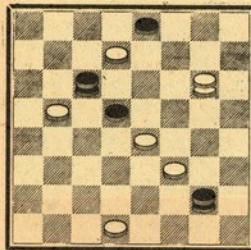
COMPOSIÇÃO N.º 22

(Problema)

«La Provincia», 9-11-944 Las Palmas — Espanha

Lema: «FAS III»

Pretas: 2 «damas» e 2 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 5 «pedras».

Mate em 7 jogadas.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos Rodrigues Lafora

(Continuação)

Em contrapartida, na «Itália Damistica» existem as seguintes opiniões:

O Dr. A. Gallico crê que se devem dividir em problemas, propriamente ditos, e *bizarrias*. Os primeiros, segundo o dito doutor, não são mais que equações de uma ou várias incógnitas cuja solução constitui uma saudável ginástica intelectual, que deve reunir as seguintes condições:

- a) Posição das peças.
- b) Proporção das forças em ambos os campos.
- c) Invariabilidade da primeira jogada.
- d) Evitar a multiplicidade de peças presas, quando não resultem justificadas ou possíveis.
- e) A solução deve representar o número de jogadas com as quais se vença o adversário.

Por outro lado não crê justificado q que seja o número fixo de jogadas.

(Continua no próximo número)

DIRETIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques Sá da Bandeira, 100, 3.ª — LISBOA



Os maiores ateliers gráficos do país

TELEF. P. B. X. | 2 1368
2 1227

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
LISBOA

ESCOLA DE CORTE, COSTURE E CHAPEUS
M.ª JUSTO
A MELHOR E MAIS FREQUENTADA DE TODO O PAÍS
CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

Independente da Escola temos «atelier» onde confeccionamos todos os géneros de alta costura, chapéus e bordados sempre pelos mais recentes figurinos.

Depois da exposição que realizámos e que tanto entusiasmo causou aos milhares de senhoras que a visitaram, vamos recomençar com as aulas, esperançados de que hemos mais uma vez conseguir e manter os créditos que esta Escola desperta em todo o País. Se esta Escola não fôsse, há muito tempo já, classificada a primeira do País, bastaria a exposição que levámos a cabo para merecer esta honrosa e justa classificação. Continuamos com o mesmo método de ensino, isto é: cursos sem limite de tempo, 6 a 9 horas de aulas por dia e ensino ministrado individualmente às nossas alunas.

SEDE, DIRECÇÃO E SECRETARIA
RUA DE S. LAZARO, N.º 127 — 1.º E 3.º ANDAR

VIDA MUNDIAL



**PARA A ABERTURA
DAS AULAS
MATERIAL ESCOLAR
E CIENTÍFICO**

PIMENTEL & CASQUILHO, L.ª DA

RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 75
ESQUINA DA TRAVESSA DE S.º ANTÃO
LISBOA • TELEFONE 24314

VIDA MUNDIAL

ÀS TRES PANCADAS
(Continuação da pag. 5)

mente porque quiseram primeiro sentir a reacção do público. Não lhes indicaremos, aqui, portanto, o descabido e o desagradável: eles sabem onde devem fazer os cortes...

* Na interpretação, primeiro que todos, vem a Herminia. Que bem que ela está na «Rita das Marmotas!» Palavra, que nem parece a Herminia de há dois ou três anos! Tão pouco o título deste número nos sugere a «finesse» da sua interpretação. Herminia Silva é simplesmente completa, perfeita e magnífica de gentileza, de inteligência e de talento. Já não é a fadista «à rasca» — e, no entanto — que assombroso paradoxo... — Herminia, actriz e cantadeira, não se afastou um milímetro da sua personalidade. Todos os seus números, de resto, foram tão excelentemente desempenhados — a graça com que ela faz a sua «Conchita!» — que ela há-de ter sentido ter o «público na mão».

Nos restantes números, à cabeça, vem Amaranthe, sempre sóbrio e consciencioso; Ricardo Santos Carvalho, esufiante como de costume; Maria Sidónio mais gentil e mais actriz — cuidado, porém, que Maria Sidónio, mal acaba de cantar, ou, até, antes de acabar, «fecha-se» ao público, como que deixa de representar, como que se lhe acaba a corda! Peggy & Humberto são outro excelente contributo, o mesmo devendo dizer-se de Ascenda Monteiro. Car-

mença, muito simpática, foi inferior a si própria e à posição de que acaba de sair, desempenhando um número que é um «rodriguiño» para o público. Elisa Carreira cantou muito mal a sua tricana; Graziela Mendes está a subir — mas se a não fazem pular rapidamente, com quantos anos vai atingir o lugar a que tem direito? — Carlos Alves impossivelmente repetido e, enfim, todos os outros — eles e elas — muito desejosos de fazer melhor.

* Os cenários e as cortinas foram quasi sempre maus. Os figurinos de Pinto de Campos foram quasi sempre bons, como esse de Maria Sidónio, no «Jardim das Delícias». As apoteoses muito bem pensadas, vestidas e realizadas, parece que estão trocadas — por que não acaba a revista com o beijo de Herminia e Amaranthe? — e a música de Raúl Ferrão, Fernando de Carvalho e Carlos Dias criou alguns dos mais preciosos momentos da revista. Porque não há-de, porém, obter-se um naipe de artistas-músicos melhor? As vezes aqui é simplesmente arripiante...

Enfim, o Apolo, com um arzinho gentil de flores a engrinaldar o palco restaurado e um papel discreto a forrar os camarotes — acreditamos que alguns outros melhoramentos podiam ser introduzidos... — vai ter revista para muito tempo.

ESPECTADOR

Rua de Saint-Joseph, número 17
Continuação da pag. 24

uma impressão de sonho, levado num pesadelo. Entretanto, éle sabe, de certeza, que o prenderam cerca da meia-noite. Um certo senhor Fouquier-Tinville entrara no salão da senhora Poisson e anunciou aos presentes que tinha provas irrefutáveis.

Este sr. Tinville, que parecia saber de tudo muito, tinha exhibido papéis, certificados de registo criminal e de baptismo.

O outro avançava nas suas revelações. Tinha encontrado o verdadeiro representante de Villon, este René-François era um intruso no meio de tantos nobres pelo sangue ou pelo espírito. Os autênticos parentes de Villon, não, não era este senhor juiz mas os porteiros da prisão de Auxerre, e chamavam-se, em realidade ou contra a realidade histórica de uma carta que podia exhibir.

Por outro lado, em 1751 e já em 1655, os Billon ou Pillon...

O juiz de instrução corria já ao longo dos corredores úmidos daquella casa inquietante onde fora parar por um excesso de vaidade histórica, inconfessada... Atrás d'ele, Cartouche não tinha feito um gesto, não tinha pronunciado uma palavra a oferecer-se para o acompanhar. Não, éle um Cartouche!

Mas, enquanto desatava a fugir por ali fora, o juiz cerrava os dentes e pensava:

— Deixa estar que eu amanhã te dou a fidalguia!

Rua de Saint-Joseph, Número 17

Novela de Jean Monfisse

ASSIM que o primeiro floco de neve pairava sobre a terra, logo o sr. René-François Villon deixava a sua cadeira e arrumava as certidões nos vários «dossiers» de cores diversas, dispostos sobre a mesa, e acudia à janela. Desta vez, não fugiu à essa tentação também. Ergueu-se nervosamente, acendeu o cigarro que se lhe apagara à alinda a meio e aproximou-se da janela, onde ficou imóvel, de ouvido quasi colado na vidraça...

René-François Villon tinha esse gosto bizarro de ouvir cair a neve subtilmente sobre os telhados e a rua!

O relógio do Palácio da Justiça bateu quatro horas. Daí a pouco, o escrivão Cartouche entrava, empurrando a porta violentamente e fazendo estremecer o juiz de instrução. O gabinete estava já envolto numa sombra triste. Cartouche, fazendo ironia, apontava o grande monte de papelada que trouxera:

— Aqui estão as nossas provisões!

Mas o juiz não parecia ligar importância porque, dando meia volta, respondia:

— Fica para amanhã; são hoje mais cedo!

Simon Cartouche puxou do relógio:

— Eia! eia! São apenas quatro horas, senhor juiz...

Mas, nesta altura, já o Dr. Villon vestira o sobretudo, punha o chapéu e enfiava as mãos numas luvas de cabedal que ele não abandonava nem nos dias de calor.

Depois, safu, sem mais explicações. Cá fora, um frequentador dos corredores de instrução, admirou-se de ver o juiz Villon sair àquela hora batida pela neve. Para mais, passando no grande átrio, René-François pareceu hesitar um pouco, enquanto olhava um rectângulo de papel que segurava entre os dedos.

Era uma carta que Villon lera e relera e agora repetia mentalmente:

Senhor. Conseguimos averiguar que V. Ex. é o último descendente de François Villon, o poeta das «Baladas», nascido em Paris em 1431. Assim, decidimos que partilhasse dos benefícios espirituais das nossas reuniões semanais. V. Ex. terá de se sujeitar a todas as regras da mais formal discreção, altds observados por todos os frequentadores da nossa organização. Pedimos-lhe que seja dos primeiros a vir na próxima segunda-feira, às vinte e uma horas. Não o esqueceremos.

XX (17-A, rua de Saint-Joseph).

* * *

O juiz de instrução sacudiu as altas espaldas para se desembaraçar da neve e continuou o seu caminho com aquêle ar melancólico de sempre. As suas idéias deambulavam por longe, muito longe dali, ao sabor da própria fantasia...

Villon, o último descendente do poeta Villon... E, entretanto...

Era preciso fugir daquele omnibus monstruoso que avançava. René-François deu um salto e entrou em casa sem saber bem como lá tinha ido parar. Refugiado ali, num rés-do-chão de Passy — morava em Passy, numa casita modesta — Villon molhava o dedo na boca e voltava páginas de uma enciclopédia amarelada.

Este agosto antepassado que lhe caía nos braços inesperada e sêcamente não o aborrecia muito...

Folheava, folheava e repetia trechos substanciais de poesia...

Villon... eu... o herdeiro do testamento, eu!...

* * *

A rua de Saint-Joseph onde nasceu Zola é estreita, sombria e inclinada, uma idéa de outros tempos, ou, antes, uma abertura feita ao centro de um bloco de casas e que vem tomar ar na rua Montmartre.

René-François não ia de alma tranqüilla. E olhou para o seu aspecto, para a sua cara, quando passou diante do vidro de uma mostra. E pareceu ficar satisfeito, diante do espelho. De certo, não lhe faltava distincção. Os cabelos ondulados naturalmente e divididos ao meio, o bigode fino e talhado audaciosamente, o nariz forte, sem ser demasiado incómodo, as orelhas longas e rosadas, o pescoço musculoso, tudo isso constituía o que ele considerava um homem novo e moderno, nem frívolo nem estúpido, decidido, razoável, inteligente e agradável...

Daí a pouco, tocava ligeiramente numa cam-



painha, à espera que lhe abrissem a porta. Esta, porém, abriu-se silenciosamente.

Uma voz, que parecia vir das profundezas de um corredor, disse-lhe que entrasse, pois era já esperado. Villon, porém, continuava no limiar da porta, um pé na rua, outro pé no degrau da entrada, na attitude recosa de quem está prestes a fugir...

Mas, que se passava? A porta voltava a fechar-se silenciosamente. E, mal entrava no corredor, uma luz forte se acescia...

Cartouche, o escrivão Cartouche, aproximava-se. Um pouco cego pela luz, Villon quasi que nem lhe distinguia as feições. Todavia, conhecera-lhe logo o passo pesado, os traços estranhamente fortes las sobranceiras.

— Fêz muito bem em vir, senhor juiz, exactamente como eu supusera. Quere ter a bondade de me seguir?

René-François caminhava atrás do seu escrivão, através dos muitos corredores úmidos. Cartouche, via-se bem, era um guia profissional:

— Estamos na velha casa de Nicolas Flamel... Flamel, o alquimista... Tudo isto tem muitos séculos... Atenção aos degraus!

Depois, levantou uma cortina e descobriu um outro compartimento.

A casa devia ser grande, rectangular e muito funda. Sem dúvida, mesmo, devia ter uma outra entrada pelo «boulevard» Montmartre. E René-François pensou, por um momento, que se acaso ali desaparecesse, nunca conseguiriam encontrar-lhe o rasto. Sentia mesmo aborrecimento de não ter pôsto ao corrente do seu segredo algum amigo mais íntimo. A verdade, porém, é que não havia razão alguma para duvidar de Cartouche.

Os dois atravessaram uma espécie de vestibulo guarnecido de velhos «fauteuils» e de bancos pesados. Enfim, Cartouche abriu uma grande porta de batentes pesados e introduziu o juiz de instrução numa sala onde havia homens e mulheres de aspectos diferentes sob a luz de dois grandes lustres ornamentados de vidrilhos coloridos.

Oferecem-lhe cadeiras e René-François faz por identificar alguns destes rostos.

Uma dama de busto muito desenvolvido, faz as honras desta recepção.

A senhora, envolta num longo vestido de «lamé» prateado, estende a mão para beijar. Dizem-lhe:

— Sr. Villon, a sua entrada no nosso grémio é para nós uma grande honra... Aceitai este bólo e esta laranjada oferecidos pelo abade de Sade...

Ele aceita uma espécie de macarrão. A senhora continua:

— Devo dizer-lhe que deve a sua presença ao senhor...

Mas um homem forte, encostado à chaminé e que faz voltear nos dedos os berloques da corrente, protesta atrapalhadamente:

— Peço-lhe, Madame Poisson, não falemos mais disso...

— O senhor é muito modesto — replica a dona da casa.

O abade diz-lhe:

— Nós trazemos para aqui nomes célebres e todos nós temos provas irrefutáveis da autenticidade das nossas illustres identidades. Assim, eu sou Sade...

— Da mesma família do marquês?

O abade, já de si pálido, faz-se mais branco e baixa a cabeça, em sinal de confirmação.

— É este sr. Parmentier?

— Descende, ousou dizê-lo, da batata...

— A senhora Poisson?

— Neta distante da Pompadour!

— Mas, como é que Cartouche, o meu escrivão, está aqui?

— Bom, Cartouche... o chefe do bando! O

célebre Cartouche! Morro esquarterado, o senhor juiz lembra-se... E vê aquêle homenzinho magro, lá adiante? É Charles Gutenberg... Quanto aquêle rapaz elegante que está perto do sr. Parmentier, é Juan de Nana! É actor de cinema e de teatro, é representa ao lado de Mistinguet, no Casino. Ser-lhe-á difícil acreditar que descende directamente de D. Juan? E, entretanto, é assim mesmo, embora não se saiba de que amores descende, por parte de sua mãe...

E o abade murmura ao ouvido de René-François:

— Mas o sr. D. Juan dá-nos muitos cuidados. Vida de dissipação... É pena. E, às vezes, correm histórias a seu respeito...

Mas as estranhas apresentações não acabaram ainda: O sr. Malbran, farmacêutico na rua do Havre, estende-lhe cordialmente a mão. O sr. Colombo parece saber tudo que diz respeito à origem de René:

— Villon, que poeta!

Pálidamente, René retribue o cumprimento.

— É Colombo que América!

Depois, tem de abraçar fraternalmente Charles-Louis Marat, um velhinho tímido, e, depois, Charles Montgolfier, um campeão da vela, em homenagem ao seu avô...

— Que noite, não é verdade, senhor juiz?

Está arrependido de ter vindo? É inolvidável...

René-François não se arrepende de nada. Julga sonhar.

— Mas não está a sonhar, diz complacientemente o abade de Sade. A primeira vez que deixei a minha paróquia para vir passar a noite com a senhora Poisson, também fiquei surpreendido. Contavam-se tais horrores a respeito das suas reuniões... Era alguém, o marquês, mas todas as noites zero para descanso da sua alma e em desconto dos seus pecados.

Don Juan meter-se na conversa irreverente e barulhento:

— É bastante simpático, êste Villonzinho...

E informa-se em seguida:

— É verdade, mandou dizer as missas por alma do seu antepassado, como estava resolvido?

* * *

Enfim, René-François Villon não voltou à rua de Saint-Joseph. Guarda de tudo aquilo

(Continua na página 28)

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27